

**CLAUDIA RAMOS CARIOCA
GERANILDE COSTA E SILVA
ROQUE ALBUQUERQUE DO NASCIMENTO
SAMUEL ANTÔNIO AZEVEDO OLIVEIRA**
Organizadores



PROJETO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR

Formação de Docentes de Escolas Indígenas e
Quilombolas da Educação Básica do Maciço do
Baturité com vistas à Educação Especial Inclusiva

PROJETO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR – Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial Inclusiva

© 2023 *Copyright* by Claudia Ramos Carioca, Geranilde Costa e Silva, Roque Albuquerque do Nascimento e Samuel Antônio Azevedo Oliveira (Orgs.)

IMPRESSO NO BRASIL / *PRINTED IN BRAZIL*

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Conselho Editorial

DRA. AIALA VIEIRA AMORIM | UNILAB
DR. ALUÍSIO MARQUES DA FONSECA | UNILAB
DRA. ANA MARIA IORIO DIAS | UFC
DRA. ANA PAULA STHEL CAIADO | UNILAB
DRA. ANTONIA IEDA DE SOUZA PRADO | UNINASSAU
DR. ANTÔNIO ROBERTO XAVIER | UNILAB
DR. CARLOS MENDES TAVARES | UNILAB
DR. CHARLITON JOSÉ DOS SANTOS MACHADO | UFPB
DR. EDUARDO FERREIRA CHAGAS | UFC
DR. ELCIMAR SIMÃO MARTINS | UNILAB
DRA. ELISÂNGELA ANDRÉ DA SILVA COSTA | UNILAB
DR. ENÉAS DE ARAÚJO ARRAIS NETO | UFC
DR. FRANCISCO ARI DE ANDRADE | UFC
DR. GERARDO JOSÉ PADILLA VÍQUEZ | UCR
DRA. HELENA DE LIMA MARINHO RODRIGUES ARAÚJO | UFC
DR. JAVIER BONATTI | UCR
DR. JOSÉ BERTO NETO | UNILAB

DR. JOSÉ GERARDO VASCONCELOS | UFC
DRA. JOSEFA JACKLINE RABELO | UFC
DR. JUAN CARLOS ALVARADO ALCÓCER | UNILAB
DRA. LIA MACHADO FIUZA FIALHO | UECE
DRA. LÍDIA AZEVEDO DE MENEZES | UVA
DRA. LÍVIA PAULIA DIAS RIBEIRO | UNILAB
DR. LUÍS MIGUEL DIAS CAETANO | UNILAB
DR. LUIS TÁVORA FURTADO RIBEIRO | UFC
DRA. MÁRCIA BARBOSA DE SOUSA | UNILAB
DRA. MARIA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA PORTELA CYSNE | UNILAB
DR. MICHEL LOPES GRANJEIRO | UNILAB
DR. OSVALDO DOS SANTOS BARROS | UFPA
DRA. REGILANY PAULO COLARES | UNILAB
DRA. ROSALINA SEMEDO DE ANDRADE TAVARES | UNILAB
DRA. SAMIA NAGIB MALUF | UNILAB
DRA. SINARA MOTA NEVES DE ALMEIDA | UNILAB
DRA. VANESSA LÚCIA RODRIGUES NOGUEIRA | UNILAB

COORDENAÇÃO EDITORIAL | *Sérgio Ricardo Magalhães Martins*

PROJETO GRÁFICO E CAPA | *Carlos Alberto Alexandre Dantas*

REVISÃO DE TEXTO | *Os Autores*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

BIBLIOTECÁRIA: *Regina Célia Paiva da Silva* – CRB – 1051

P964 Projeto clube da inclusão escolar: formação de docentes de escolas indígenas e quilombolas da educação básica do Maciço do Baturité com vista à educação inclusiva / organização de Claudia Ramos Carioca, Geranilde Costa e Silva, Roque Albuquerque do Nascimento e Samuel Antônio Azevedo Oliveira. – Fortaleza: 2023.

130p

ISBN E-BOOK: 978-85-8126-258-1

<https://doi.org/10.47149/978-85-8126-258-1>

1. Educação Inclusiva. 2. Educação – Brasil. 3. Formação de Professores. 4. Escolas Indígenas – Brasil. 5. Quilombolas – Maciço de Baturité – Ceará. I. Título.

CDD: 371.9

**Claudia Ramos Carioca
Geranilde Costa e Silva
Roque Albuquerque do Nascimento
Samuel Antônio Azevedo Oliveira**
Organizadores

PROJETO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR

**Formação de Docentes de Escolas Indígenas e
Quilombolas da Educação Básica do Maciço do
Baturité com vistas à Educação Especial Inclusiva**

Ana Ingrid Paixão da Silva
Andréia Barros
Clara Maria Benevides Nascimento
Cláudia de Oliveira da Silva
Evania Maria Lima da Silva
Geranilde Costa e Silva
Juliana de Melo e Silva Façanha
Larice Xavier da Silva
Mara Rita Duarte de Oliveira Berraoui
Maria Eduarda Távora de Albuquerque
Rita Maria Paiva Monteiro (*Apresentação*)
Samuel Antônio Azevedo Oliveira



Fortaleza | Ceará | 2023



SOBRE OS/AS ORGANIZADORES/AS

Claudia Ramos Carioca



Pós-doutorado pela Universidade Federal do Ceará (UFC) através do PNPd/CAPES. Doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Profa. Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

E-mail: claudiacarioca@unilab.edu.br

Geranilde Costa e Silva



Doutora em Educação. Pedagoga. Docente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Redenção (CE). Professora efetiva nos Mestrados Acadêmicos em Ensino e Formação Docente, e em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (MASTS) na UNILAB.

E-mail: geranildecosta@unilab.edu.br

Roque Albuquerque do Nascimento



Pós-doutorado em Estudos da tradução – Hamline University, Minnesota e Universidade Federal do Ceará, Ph.D Central Seminary 2013. Doutorado Convalidado pelo Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).

E-mail: roadry.albuquerque@unilab.edu.br

Samuel Antônio Azevedo Oliveira



Técnico Administrativo em Educação na Unilab.
Vice coordenador do projeto.
E-mail: samuel.oliveira@unilab.edu.br

SOBRE OS/AS AUTORES/AS

Ana Ingrid Paixão da Silva



Me chamo Ana Ingrid Paixão da Silva, tenho 20 anos, nasci em Baturité (CE) mas cresci na Serra de Guaramiranga (CE), curso Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).
E-mail: anaingridpaixaodasilva@gmail.com

Andréia Barros



Sou Andréia Barros, Graduada em Pedagogia. Tenho Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA), Psicopedagoga, Educação Infantil, Deficiência Visual, Surdocegueira, Atendimento Educacional Especializado. MBA em Docência do Ensino Superior.
E-mail: andreiabarrodes75@gmail.com

Clara Maria Benevides Nascimento



Licencianda em Física pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

E-mail: claramaria.benevides@gmail.com

Cláudia de Oliveira da Silva



Sou professora Cláudia de Oliveira da Silva. Mulher nascida no chão do quilombo da Serra do Juá em Caucaia/CE, mãe, pedagoga, artesã e aprendiz das práticas complementares em saúde. Na última década adquiri o nome social de Cláudia Quilombola devido às causas e lutas pelo fortalecimento das comunidades quilombolas, pelo viés da educação, da arte e da cultura. Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC.

Evania Maria Lima da Silva



Sou Evania Maria Lima da Silva, licenciada em Ciência da Religião pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), pós-graduada em Gestão Escolar e também em Atendimento Educacional Especializado (AEE) pela Faculdade Kurios (FAK). Especialização em Metodologia Interdisciplinar e Intercultural para o Ensino Fundamental e Médio pela UNILAB. Habilitação em Pedagogia pela FAK e no momento curso a Licenciatura Intercultural Kuaba pela Universidade Federal do

Ceará (UFC). Atualmente estou como gestora da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos do povo Kanindé de Aratuba (CE), localizada no Sítio Fernandes. Trabalho nesta instituição de ensino desde de 2011 como professora e no ano de 2017 fui nomeada gestora da mesma.

Geranilde Costa e Silva



Sou professora Geranilde Costa e Silva. Doutora em Educação. Pedagoga. Docente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Redenção (CE), junto ao Instituto de Humanidades (IH). Professora efetiva nos Mestrados Acadêmicos em Ensino e Formação Docente, e em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis (MASTS) na UNILAB. Desenvolvo pesquisas por meio da Pretagogia voltadas à Educação para as relações étnico-raciais e Educação Especial Inclusiva em territórios indígenas e quilombolas. Membro do Grupo de Pesquisa: ÁFRICA-BRASIL: Produção de conhecimento, Sociedade civil, Desenvolvimento e Cidadania Global/ Linha de pesquisa: Educação e Pedagogias das Relações Étnico-Raciais: territórios, religiosidades e intelectualidades.



Juliana de Melo e Silva Façanha

Sou professora Juliana de Melo e Silva Façanha, graduada em Pedagogia, Especialista em Educação Infantil, Especialista em Atendimento Educacional Especializado e Especializanda em Neuropsicopedagogia. Tenho algumas formações sobre Autismo, Deficiência Intelectual e Altas Habilidades/ Superdotação. Sou docente há 16 anos e já lecionei em várias modalidades de ensino como educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e também ministrei aula em faculdade de pós-graduação. Atualmente estou exercendo a docência em uma sala de Recursos Multifuncionais do Município de Caucaia (CE).

Larice Xavier da Silva



Licencianda em Pedagogia, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Email: larycecastro@gmail.com

Mara Rita Duarte de Oliveira Berraoui



Sou professora Mara Rita Duarte de Oliveira Berraoui. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Instituto de Ciências Exatas e da Natureza (ICEN) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Coordenadora do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Diversidade e Formação de Educadores Brasil/África (GEDIFE/UNILAB).

E-mail: mararita@unilab.edu.br

Maria Eduarda Távora de Albuquerque



Graduanda em Letras - Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

E-mail: mariaeduardatavoraa@gmail.com.

Samuel Antônio Azevedo Oliveira



Técnico Administração em Educação na Unilab. Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialização em Contabilidade Pública e Auditoria pela Faculdade Batista de Minas Gerais.

E-mail: samuel.oliveira@unilab.edu.br



Sumário

APRESENTAÇÃO • 13

Rita Maria Paiva Monteiro

Parte I

PROJETO – CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR • 19

Geranilde Costa e Silva

Samuel Antônio Azevedo Oliveira

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA FORMADORA JUNTO AO PROJETO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR DA UNILAB • 45

Evania Maria Lima da Silva

EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA • 52

Cláudia de Oliveira da Silva

FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS): EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS PARTILHADAS NO PROJETO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR (ARATUBA/CEARÁ) • 59

Mara Rita Duarte de Oliveira Berraoui

AUTISMO E AS FUNÇÕES EXECUTIVAS: DIALOGANDO COM DOCENTES SOBRE O CÉREBRO AUTISTA • 67

Juliana de Melo e Silva Façanha

A EDUCAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: RELATO DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS JUNTO AO PROJETO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR DA UNILAB • 77

Andréia Barros

Parte II

RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO PROJETO DE EXTENSÃO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR: VIVENDO E APRENDENDO • 91

Clara Maria Benevides Nascimento

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROJETO DE EXTENSÃO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PARA MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA • 97

Ana Ingrid Paixão da Silva

RELATOS DE PARTICIPAÇÃO JUNTO AO PROJETO DE EXTENSÃO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR, DA UNILAB • 102

Larice Xavier da Silva

RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROJETO DE EXTENSÃO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR: PERCEPÇÕES SOBRE O SER PROFESSOR • 109

Maria Eduarda Távora de Albuquerque

Parte III

MÓDULO I: ETAPA 1 – ESCOLA INDÍGENA MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS, EM ARATUBA (CE) • 121

MÓDULO I: ETAPA 2 – ESCOLA OSÓRIO JULIÃO, EM BATURITÉ (CE) • 122

MÓDULO II – ESCOLA INDÍGENA MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS, EM ARATUBA (CE) • 123

MÓDULO III – ESCOLA OSÓRIO JULIÃO, EM BATURITÉ (CE) • 124

MÓDULO IV – ESCOLA INDÍGENA MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS, EM ARATUBA (CE) • 125

MÓDULO V: ETAPA I – ESCOLA OSÓRIO JULIÃO, EM BATURITÉ (CE) • 126

MÓDULO V ETAPA II – UNILAB, REDENÇÃO (CE) • 127

MÓDULO VI – UNILAB, REDENÇÃO (CE) • 128

MÓDULO VII – UNILAB, REDENÇÃO (CE) • 129

APRESENTAÇÃO



Rita Maria Paiva Monteiro
Dra. em Sociologia
paiva_monteiro@yahoo.com.br

Este livro, na forma de coletânea, apresenta a experiência exitosa do Projeto de Extensão “Clube da Inclusão Escolar – Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço de Baturité com vistas à Educação especial na perspectiva da Educação Inclusiva” que buscou, ao longo de 10 (dez) meses, atualizar pedagogicamente, professores/as da Educação Básica de territórios indígenas e de territórios de remanescentes quilombolas do Maciço de Baturité (CE), com vistas à Educação Especial Inclusiva, de Aratuba e Baturité, respectivamente.



A proposta metodológica do Projeto se deu por meio de um curso de formação visando ampliar aprendizados e reflexões, no que diz respeito à integração de estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) no processo de aprendizagem no âmbito de um contexto educacional que procura estar alinhado com a complexidade da sociedade contemporânea, tendo como elemento impulsionador o entendimento das demandas da prática político/pedagógica da escola presente em territórios com características específicas.

O Projeto “Clube da Inclusão Escolar – Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço de Baturité com vistas à Educação especial na perspectiva da Educação Inclusiva” foi elaborado pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB, com financiamento da Confederação Nacional dos Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares (CONAFER), sob a coordenação da professora Dra. Geranilde Costa e Silva e de Técnico Administrativo, Samuel Antônio Azevedo Oliveira.

O conteúdo da obra constitui-se de 10 (dez) artigos construídos a partir das experiências na participação da formação e são apresentados pela coordenação, por 05 (cinco) professoras formadoras do curso e por 04 (quatro) estudantes da UNILAB que atuaram como bolsistas. Os textos traduzem as experiências individuais de acordo com cada atuação, que são subjetivas, mas se interlaçam no que diz respeito à presença do conhecimento formal em diálogo com afetos, identidades e convivências.

No que diz respeito à organização do conteúdo, o livro se inicia com o artigo da coordenação onde os/as autores/as explicitam a relevância do debate da “Educação Especial Inclusiva em territórios indígenas e quilombolas” proporcionado ao longo do curso, que como enfatizam, ainda é uma temática pouco abordada no universo acadêmico. Relevante compreender que o Projeto Clube da Inclusão Escolar se alinha aos princípios filosóficos e

acadêmicos da UNILAB, que, especificamente, se volta para a interiorização da Universidade.

Como dito anteriormente, a primeira parte do livro traz 05 (cinco) textos elaborados pelas professoras formadoras, para os quais convido o leitor ou leitora, a observar a seriedade técnica no que tange à temática da Educação Especial Inclusiva, e também, a abordagem sensível necessária quando tratamos de questões pertinentes na busca da cidadania plena de indivíduos imersos em dificuldades.

As formadoras trataram dos desafios cotidianos nas suas práticas pedagógicas, do acolhimento efetivo, do processo formação/aprendizagem que o Projeto proporcionou.

Já a segunda parte do livro é composto por 04 (quatro) artigos escritos por alunas bolsistas da Unilab. Textos que contêm relatos de experiências do dia a dia das ações do Projeto, destacando a contribuição da Extensão universitária para a formação profissional, e, também, as alunas contribuíram com reflexões teóricas pertinentes à temática. Não podemos deixar de informar que dificuldades foram elencadas, mas o reconhecimento da oportunidade de aprendizagem foi mais ressaltado.

A terceira parte do livro vai premiar o leitor ou leitora com imagens (fotografias) que compõem a “memória” do Projeto “Clube da Inclusão Escolar”, o que possibilita reter nossas experiências de aprendizagem e convivência para além do tempo. Para quem não pode vivenciar a rica partilha de conhecimento ocorrida nesses 10 (dez) meses, deixamos o registro das reflexões e debates através dos artigos e a beleza da linguagem iconográfica.



The background is a complex, abstract pattern of green and white. It features a variety of geometric and organic shapes, including triangles, circles, spirals, and irregular polygons. Some areas are filled with small dots, while others have concentric lines or a grid-like structure. The overall effect is a dense, textured, and somewhat chaotic composition.

Parte I





PROJETO – CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR **Formação de Docentes de Escolas Indígenas e** **Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité** **com vistas à Educação Especial Inclusiva**

Geranilde Costa e Silva¹

Samuel Antônio Azevedo Oliveira²

Apresentação

A realização do PROJETO³ – CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR – *Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*, está amparada nos objetivos institucionais da Unilab.

¹ Pesquisadora, Pedagoga e professora Negra. Dra. em Educação. Coordenadora do projeto. Docente da Unilab no Instituto de Humanidades, *campi* Ceará. E-mail: geranildecosta@unilab.edu.br

² Técnico Administrativo em Educação na Unilab. Vice coordenador do projeto. E-mail: samuel.oliveira@unilab.edu.br

³ Instagram: @clubedainclusaoescolar

A motivação maior deste projeto se deve ao fato da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, estar comprometida com a Educação Especial Inclusiva, como disposto no “Art. 2º – XIV: atuar em consonância com a Declaração dos Direitos Humanos, A Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos e a Convenção Internacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência.” (MEC, Estatuto da UNILAB, 2020, p. 05).

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB foi criada em 2010, por meio da lei federal nº 12.289/2010. Instituição de ensino superior que tem sede na cidade de Redenção (CE) e possui *campi* fora de sede em São Francisco do Conde (BA), município localizado no Recôncavo Baiano. Redenção foi escolhida para sediar a UNILAB em função do seu pioneirismo na libertação de escravos no Brasil, já São Francisco do Conde foi beneficiada com um campus da UNILAB devido ser à época o município brasileiro com maior proporção de negros em sua população.

A UNILAB, segundo o seu Plano de Desenvolvimento Institucional (2016-2021) já nasce amparada pelos pilares da Interiorização, Internacionalização e Integração.

Uma vez que a interiorização está reiterada no Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 a partir da estratégia de expansão e democratização de acesso ao ensino superior por parte da população distante dos centros urbanos mais desenvolvidos com vistas a diminuir as desigualdades regionais, cabe a Unilab:

Criar mecanismos de aproximação de comunidades socialmente vulneráveis do entorno da UNILAB e da região onde atua e, em parceria com entidades públicas e privadas, elaborar e desenvolver projetos de acesso aos bens sociais e culturais, como alfabetização de jovens e adultos [...]. (PDI/UNILAB, 2016 – 2021, p. 32).

Segundo o seu PDI, como expresso no Art. 2º:

a UNILAB terá como objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisas nas diversas áreas de conhecimento e promover a extensão universitária, tendo como missão institucional específica formar recursos humanos para contribuir com a integração entre o Brasil e os demais países membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, especialmente os países africanos, bem como promover o desenvolvimento regional e o intercâmbio cultural, científico e educacional”. (idem, p. 11).

Dessa forma, buscando cumprir de forma efetiva seus princípios de Interiorização no campo da formação cidadã, por meio da formação continuada de docente desenvolvemos o PROJETO – CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR – *Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Projeto que tem por Objetivo Geral – capacitar docentes da educação básica de escolas indígenas e quilombolas do Maciço do Baturité (CE) com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Projeto que recebeu financiamento da Confederação Nacional de Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais – CONAFER. Sendo realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Aratuba, Secretaria Municipal de Educação de Baturité e Secretaria de Educação do Governo do Estado do Ceará, por meio da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento de Educação (CREDE) 8, de forma resumida, apresentamos os seus objetivos específicos:

Capacitar para o processo de educação especial na perspectiva da educação inclusiva com foco no ensino-aprendizagem:

- Docentes da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos em Aratuba – CE.
- Docentes da Escola de Ensino Fundamental Osório Julião localizada na área de remanescente quilombola Serra do Evaristo, em Baturité CE.

- Docentes de escolas públicas de Aratuba.
- Docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) das Secretarias Municipais de Educação de Aratuba e de Baturité.

Contribuir para o processo de compreensão sobre a educação especial na perspectiva da educação inclusiva com foco no ensino-aprendizagem:

- Pais/mães e/ou responsáveis por estudantes da educação básica de que possuem Necessidades Educativas Especiais (NEE) da cidade Aratuba. (Projeto Clube da Inclusão Escolar, 2022, p. 5) (grifos nossos)

Ressaltamos ainda que a criação deste projeto vem inaugurar no âmbito da Unilab a realização de projetos de extensão acerca da Educação Especial Inclusiva em áreas de remanescentes quilombolas bem como em territórios indígenas. Sendo necessário que esse debate seja ampliado por meio do tripe ensino-extensão-pesquisa da universidade, de modo a trazer contribuições, de um lado, para o bem viver de estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), bem como para o processo de formação de professores/as pautada pelo enfrentamento do preconceito para com as pessoas que portam algum tipo de deficiências seja ela física e/ou intelectual bem como os que possuem altas habilidades.

Quanto ao público beneficiado pelo nosso projeto, tivemos em 61 participantes de Baturité e 113 de Aratuba, além de 01 (um) docente de Taíba (CE), totalizando 175 pessoas. Sendo que participaram docentes de sala de aula regular, docentes da sala do AEE, coordenadores escolares, diretores escolares, cuidadores/as dos/as estudantes com NEE e/ou TEA, técnicos/as em educação, assistente em educação, agente administrativo e também mães e/ou responsáveis por estudantes com NEE e/ou TEA.

Sendo que o curso ocorreu de forma itinerante, ou seja, realizamos módulos na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos,

em Aratuba, na Escola Osório Julião na Comunidade Quilombola na Serra do Evaristo, bem como na Unilab, em Redenção⁴.

Referencial teórico

Para a construção deste projeto nos amparamos em alguns documentos/legislações e pesquisas que versam sobre a Educação Especial Inclusiva. Cabendo destaque para o Estatuto da Pessoa com Deficiência, mais conhecido como Lei Brasileira da Inclusão (nº 13.146/2015), que defende o direito à educação às pessoas com deficiência, como citado abaixo:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação. Art. 28. Incumbe ao poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: I – sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida. (BRASIL, 2015)

Outro relevante documento balizador para a construção desse projeto se trata da Declaração de Salamanca (1994), visto que se tornou um marco internacional para a formulação das políticas públicas da educação especial inclusiva. Documento que levou o Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial

⁴ A cidade de Baturité fica distante aproximadamente 32 km de Redenção. Já a distância de Aratuba para Redenção é de aproximadamente 60 km.

a criar a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2007), arcabouço de grande importância para que haja assim: “o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares, orientando os sistemas de ensino para promover respostas às necessidades educacionais especiais. (BRASIL, 2007, p. 1). De modo que o estado brasileiro deve garantir:

- Transversalidade da educação especial desde a educação infantil até a educação superior;
- Atendimento educacional especializado;
- Continuidade da escolarização nos níveis mais elevados do ensino;
- Formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar;
- Participação da família e da comunidade;
- Acessibilidade urbanística, arquitetônica, nos mobiliários e equipamentos, nos transportes, na comunicação e informação; e Articulação intersetorial na implementação das políticas públicas. (ibidem, 2007, p. 8).

Por sua vez, serviu de base para que o Ministério da Educação (MEC) instituisse no Artigo 6º da Resolução Conselho Nacional de Educação (CNE)/CEB nº 02/2001, as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, a saber:

Art. 6º. Para a identificação das necessidades educacionais especiais dos alunos e a tomada de decisões quanto ao atendimento necessário, a escola deve realizar, com assessoramento técnico, avaliação do aluno no processo de ensino e aprendizagem, contando, para tal, com:
I – a experiência de seu corpo docente, seus diretores, coordenadores, orientadores e supervisores educacionais;

- o setor responsável pela educação especial do respectivo sistema;
- III – a colaboração da família e a cooperação dos serviços de Saúde, Assistência Social, Trabalho, Justiça e Esporte, bem como do Ministério Público, quando necessário. (MEC, CNE/CEB n° 02/2001)

Já em 2003, o MEC instituiu o Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade. Programa voltado a apoiar o movimento de “transformação dos sistemas de ensino em sistemas educacionais inclusivos (...)”. (BRASIL, 2015)

Sobre a matrícula de alunos/as alvo da Educação Especial Inclusiva a ONG⁵ Todos pela Educação em parceria com a Editora Moderna publicaram o Anuário Brasileiro da Educação Básica – 2012, apresentando o crescimento da matrícula de alunos com Deficiência, Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) e Altas habilidades ou Superdotação, em classes comuns e classes especiais – Brasil – 2010 e 2020, ver logo a seguir:

⁵ Organização Não Governamental.

Matrículas⁶ Número de alunos com deficiência^{7 8}, transtornos do espectro autista e altas habilidades ou superdotação, em classes comuns e classes especiais – Brasil – 2010 e 2020 – Por etapa de ensino

	CLASSES COMUNS		CLASSES ESPECIAIS + ESCOLAS ESPECIALIZADAS		TOTAL	
	2010	2020	2010	2020	2010	2020
Educação infantil	34.044	102.996	35.397	7.742	69.441	110.738
Ensino Fundamental	416.959	878.681	180.842	146.618	597.801	1.025.299
Ensino Médio	32.233	165.227	1.349	1.430	33.582	166.657
Educação Profissional	1.096	5.971	683	235	1.779	6.206
Educação Básica	484.332	1.152.875	218.271	156.025	702.603	1.308.900

Fonte: MEC/Inep/DEED – Microdados do Censo Escolar. Elaboração: Todos Pela Educação.

Como disposto na tabela acima houve um crescimento gigantesco no número de matrícula do público alvo da Educação Especial Inclusiva, o que representa que cada vez mais os sistemas de ensino devem promover uma educação inclusiva, de modo a garantir não somente o acesso à escola, mas acima de tudo garantir a estrutura física, recursos humanos e tecnológico para haja sua entrada, permanência e sucesso na aprendizagem.

Dentre deste contexto cabe explicar que estudantes com NEE:

⁶ Fonte: https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/07/Anuario_21final.pdf

⁷ O mesmo aluno pode ter mais de uma matrícula.

⁸ Apenas são consideradas as turmas de escolarização, excluindo turmas de Atendimento Complementar e Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Apresentam, durante o processo educacional, dificuldades acentuadas de aprendizagem que podem ser ou não vinculadas a uma causa orgânica específica ou relacionadas a condições, disfunções, limitações ou deficiências, abrangendo dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais alunos, bem como habilidades/superdotação. (BRASIL, 2001, p.39).

Já o TEA se caracteriza quando:

(...) envolve atrasos e comprometimentos do desenvolvimento, seja da linguagem, seja no comportamento social. Os sintomas podem ser emocionais, cognitivos, motores ou sensoriais. O diagnóstico definitivo é dado após os 3 anos de idade, mas os sintomas podem ser observados antes disso e os cuidados podem ser iniciados de imediato. A incidência em meninos é maior, tendo uma relação de quatro meninos para uma menina com o transtorno. (BRASIL, 2022).

Com dito inicialmente percebemos que ainda é pouco abordado dentro do universo acadêmico a temática da Educação Especial Inclusiva na Educação Básica nos territórios de remanescentes quilombolas bem como em territórios indígenas, contudo, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (2012), tratam da Educação Especial dando ênfase a oferta de Atendimento Educacional Especializado (AEE), como explicitado logo abaixo:

Art. 22 A Educação Especial é uma modalidade de ensino que visa assegurar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades e superdotação o desenvolvimento das suas potencialidades socioeducacionais em todas as etapas e modalidades da Educação Básica nas escolas quilombolas e nas escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas.

§ 1º Os sistemas de ensino devem garantir aos estudantes a oferta de Atendimento Educacional Especializado (AEE). (MEC, 2012, p. 10)

O citado documento ainda estabelece as ações que competem ao MEC, a saber:

§ 2º O Ministério da Educação, em sua função indutora e executora de políticas públicas educacionais, deve realizar diagnóstico da demanda por Educação Especial nas comunidades quilombolas, visando criar uma política nacional de Atendimento Educacional Especializado aos estudantes quilombolas que dele necessitem. (Idem, 2012, p. 10)

No tocante à estrutura física foi estabelecido no Art. 22 que:

§ 3º Os sistemas de ensino devem assegurar a acessibilidade para toda a comunidade escolar e aos estudantes quilombolas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades e superdotação, mediante: I – prédios escolares adequados; II – equipamentos; III – mobiliário; IV – transporte escolar; V – profissionais especializados; VI – tecnologia assistiva; VIII – outros materiais adaptados às necessidades desses estudantes e de acordo com o projeto político-pedagógico da escola. (ibidem, 2012, p. 10)

Em pesquisa divulgada pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), divulgada no Informe nº 205-janeiro/2022 – Evolução da inclusão do aluno com deficiência na educação básica do Ceará, a Diretoria de Estudos Sociais (Disoc), traz a importante informação:

constata-se um aumento de 111% no número de matrículas de alunos com necessidades especiais entre 2012 e 2020 no estado do Ceará, passando de 31.626, para 66.741 matrículas.

las. Dessa forma, a taxa de participação das matrículas em educação especial em relação ao total de matrículas na educação básica, subiu de 1,33%, para 3,13%, no período analisado. (IPECE, 2022, p. 3)

Considerando que o aumento foi de 111% no número de matrículas de alunos com necessidades especiais entre 2012 e 2020 no estado do Ceará, passando de 31.626, para 66.741 matrículas, aponta para a necessidade da escola promover Adaptação e Flexibilização Curricular, para que ocorra aprendizagem satisfatória por partes desse público escolar.

No que se refere à presença de estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEE), Deficiência e/ou com Transtorno do Espectro na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, em Aratuba (CE) no ano de 2022, de um total de 181 alunos tem-se 15 estudante, o que equivale a 8,28% que participam do Atendimento Educacional Especializado (AEE), sendo 13 do sexo masculino e 02 do feminino. Ver tabela abaixo.

Alunos/as com laudo clínico com Atendimento Educacional Especializado (AEE) – 2022

Total de Alunos/as – 181
Sexo Masculino – 13 – estudantes participam do AEE
Sexo Feminino – 02 – estudantes participam do AEE

Fonte: Direção da Escola

Já na Escola Osório Julião localizada na Comunidade Quilombola Serra do Evaristo em Baturité (CE) a presença de estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEE), Deficiência e/ou com Transtorno do Espectro no ano de 2022, de um total de 123 alunos/as tem-se 11 estudantes, sendo 10 do sexo masculino e 01 (uma) do feminino que participam do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Ver tabela a seguir.

Alunos/as com laudo clínico com Atendimento Educacional Especializado (AEE) – 2022

Total de Alunos/as – 123
Sexo Masculino – 10 estudantes participam do AEE
Sexo Feminino – 01 estudantes participam do AEE

Fonte: Direção da Escola

Em estudo realizado por FRANCO, SILVA & REGINA (2017) intitulado: *A inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais nas escolas Xakriabá: Xukurank e Uikitu kuhinã*, em que é apresentado o percurso do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas junto à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, estas/es reafirmam a importância da formação docente no campo da educação inclusiva, no contexto das escolas indígenas, pois dizem:

Embora o acesso seja garantido pelas legislações e documentos citados acima, há certas dificuldades a serem superadas tanto no sistema educacional, quanto nas práticas pedagógicas. É preciso traçar estratégias para poder atender os alunos da melhor forma, repensar a organização das escolas e a construção do sistema educacional inclusivo, pois quando a escola abre suas portas para a Educação Especial, ela precisa se preparar para receber esse **público e as suas especificidades serem atendidas**. (FRANCO, SILVA & REGINA (2017, p. 25) (grifos nossos)

Nesse sentido, cabe destacar que cada vez se faz necessário que as escolas de educação básica, com ênfase nos/as docentes de escolas indígenas e quilombolas do Maciço do Baturité, sejam capacitados/as para atuarem de forma competente junto aos/as estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEE) bem com estudantes que portem laudo com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) de modo a desenvolver ações didático-pedagógicas inclusivas.

Do público participante do curso

Para o desenvolvimento deste projeto fizemos visitas institucionais para solicitar manifestação de interesse às Secretaria Municipal de Aratuba, Secretaria Municipal de Baturité e Secretaria de Educação do Governo do Estado do Ceará, por meio da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento de Educação (CRE-DE) 8, bem como a Escola Osório Julião localizada na Comunidade Quilombola Serra do Evaristo em Baturité (CE) e a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos em Aratuba (CE). Tão logo recebemos a anuência por parte dessas instituições para a realização do mesmo partimos para o processo de planejamento coletivo acerca das datas, locais de realização, logística de transporte dos/as cursistas, alimentação, dentre outras questões. Importante ressaltar que o curso ocorreu de forma itinerante, ou seja, foi sediado pelas escolas acima citadas e por vezes também ocorreu no espaço da Unilab em Redenção. A seguir algumas imagens referentes ao projeto.

Visitas aos parceiros para apresentar o Projeto Clube da Inclusão Escolar

Foto 1 – Visita à SME de Baturité para apresentar o Projeto Clube da Inclusão Escolar



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 2 – Visita à SME de Aratuba para apresentar o Projeto Clube da Inclusão Escolar



Fonte: Arquivo do Projeto.

Foto 3 – Visita à Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos para apresentar o Projeto Clube da Inclusão Escolar



Fonte: Arquivo do Projeto

Quanto ao público beneficiado pelo nosso projeto contamos com total de 175 participantes, sendo 113 Aratuba e 61 de Baturité. Todavia, ainda acolhemos 01 (um) colega docente da SME de Taíba (CE), que manifestou interesse em participar de nosso curso. Importante ressaltar que além de docentes de salas regulares e do AEE, contudo, tivemos ainda a presença de outros/as profissionais que compõem a escola, que foram os coordenadores escolares, diretores escolares, cuidadores/ as dos/as estudantes com NEE e/ ou TEA, técnicos/as em educação, assistente em educação, agente administrativo e também mães e/ ou responsáveis por estudantes com NEE e/ou TEA.

No que se refere aos/às participantes da Rede Municipal de Ensino de Baturité dos 61 participantes destas:

- 15 são profissionais da Escola Osório Julião localizada na Comunidade Quilombola da Serra do Evaristo, sendo:
- 11 sala de aula regular;
- 02 (dois) cuidadores/as;
- 02 (dois) auxiliares de sala de aula;

Dos 46 profissionais da Secretaria Municipal de Educação:

- 23 docentes de salas regulares;
- 06 (seis) docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE);
- 14 técnicos/as em educação;
- 03 (três) profissionais do Núcleo de Atendimento Educacional Especializado (NAPE);

Quanto aos/às 113 participantes de Aratuba:

- 25 profissionais da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, sendo:
- 01 (uma) diretora da escola, 01 (uma) docente do AEE e 23 docentes.

Contamos com a presença de 10 mães e/ou responsáveis por estudantes com NEE e/ou TEA.

Da Secretaria Municipal de Educação – 78 profissionais:

- 04 (quatro) diretores de escola;
- 03 (três) assistentes pedagógicos;
- 03 (três) coordenadores escolares;
- 39 professoras sala de aula regulas;
- 11 cuidadores/as;
- 07 (sete) docentes do AEE;
- 01 (um) agente administrativo e
- 10 (dez) técnicos em educação da SME.

Contamos ainda com a presença da mãe de 01 (um) aluno com NEE e/ou TEA.

Metodologia para execução do projeto

Atentos à relevância da Educação Especial Inclusiva em áreas de remanescentes quilombolas bem como em territórios indígenas do Maciço do Baturité é que o projeto Clube da Inclusão Escolar foi desenvolvido em estreita atenção para com a indissociável relação ensino-pesquisa-extensão, uma vez que trouxe consigo essas 03 (três) vertentes para a sua realização, que foram: ensino – promoveu um curso na modalidade de formação continuada, discutiu o ensino na perspectiva do multiculturalismo crítico (MCLAREN, Peter. Et al, 2000), apresentou e discutiu conceitos e legislações voltadas à temática em foco, criou oportunidade para que os/as docentes evidenciassem as novas habilidades adquiridas a partir dos estudos realizados além de ter possibilitado o contato dos/as docentes do projeto com profissionais que atuam junto à NEE e/ou TEA; pesquisa – possibilitou o (re)pensar, a dúvida e o questionamento acerca de ideias e práticas didático-pedagógicas já estabelecidas, trouxe para o conhecimento dos/as cursistas literatura acadêmica (escrita, tátil e visual) portando conceitos e práticas pedagógicas que dão positividade à educação especial inclusiva; e extensão, conseguiu incluir a comunidade externa à

universidade, permitiu que os/as cursistas e representantes das Secretarias Municipais de Educação de Aratuba e Baturité fossem até a Unilab, bem como adentrou o território dos/as cursistas (reitor, vice reitora, coordenação, vice coordenação e bolsistas do projeto, professores/as formadores, dentre outros). Por meio dessas vertentes o Projeto Clube da Inclusão Escolar possibilitou com que esses/as docentes se aproximassem e vivenciassem a universidade no seu sentido máximo de interiorização e disseminação de conhecimento.

Dessa forma, o Projeto Clube da Inclusão Escolar teve duração de 10 meses (agosto/2022 a maio/2023), realizando um curso voltado à formação continuada com uma carga horária de 220 h/a efetivada por meio de aula presenciais, aulas on-line e estudos domiciliares. Logo a seguir imagens de alguns momentos do curso.

Foto 4 – Profa. Geranilde Costa dando boas-vindas aos/as cursistas do Projeto Clube da Inclusão Escolar na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, em Aratuba (CE)



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 5 – Abertura do Projeto Clube da Inclusão Escolar na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, em Aratuba (CE), com o Toré



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 6 – Mesa de Abertura do Projeto Clube da Inclusão Escolar na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, em Aratuba (CE)



Fonte: Arquivo do Projeto

Sobre os Módulos ministrados segue logo a seguir algumas informações pertinentes.

Quadro dos Módulos/local de realização

MÓDULOS	LOCAL DE REALIZAÇÃO	FORMADORAS
Módulo I – Etapa 1 – princípios da educação escolar indígena – aproximações quanto ao campo da educação especial na perspectiva da educação inclusiva	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, em Aratuba (CE)	Profa. Esp. Evania Maria Lima da Silva
Módulo I – Etapa 2 – Princípios da educação escolar quilombola – aproximações quanto ao campo da educação especial na perspectiva da educação inclusiva	Escola Osório Julião, em Baturité (CE)	Profa. Ma. Cláudia de Oliveira da Silva
Módulo II – As Legislações/convenções internacionais, nacionais e do Estado do Ceará no Campo da educação especial na perspectiva educação especial	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, em Aratuba (CE)	Profa. Dra. Mara Rita Duarte de Oliveira Berraoui
Módulo III – Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)	Escola Osório Julião, em Baturité (CE)	Profa. Esp. Juliana de Melo e Silva Façanha
Módulo IV – Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) E As Funções Executivas Atuação do Núcleo de Atendimento Psicossocial e Educacional (NAPE) de Redenção	Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, em Aratuba (CE)	Profa. Esp. Juliana de Melo e Silva Façanha Sebastiana Moreira de Araújo (Psicóloga Escolar) Profa. Raimunda Gomes Lima Matos
Módulo V – ETAPA 1 – Educação de Pessoas Cegas e Educação de Pessoas Surdas.	Escola Osório Julião, em Baturité (CE)	Profa. Esp. Andréia Barros Profa. Esp. Adriana Façanha Barbosa Pires

Módulo VI – ETAPA 1 – Educação de Pessoas Cegas e Educação de Pessoas Surdas.	UNILAB – Redenção (CE)	Profa. Esp. Andréia Barros Profa. Esp. Adriana Façanha Barbosa Pires
Módulo VII – Conhecendo e Produzindo Jogos para a Educação inclusiva.	UNILAB – Redenção (CE)	Profa. Esp. Ana Rita Bedoya
MÓDULO VIII – Entendendo a Deficiência Intelectual	UNILAB – Redenção (CE)	Sebastiana Moreira de Araújo (Psicóloga Escolar) Profa. Esp. Aline Pereira de Lima

De forma resumida apresentamos logo abaixo da Metodologia utilizada nos módulos, a saber:

Momentos Presenciais	Momentos Síncronos ⁹	Estudos Domiciliares
<ul style="list-style-type: none"> – aplicação de diagnóstico acerca dos/as saberes da turma sobre os temáticas abordadas; – aulas expositivas, – realização de rodas de conversas; – estudos de casos; – atividades avaliativas de aprendizagem. (individuais e coletivas); exposição de filmes e/ou curta metragem. 	<ul style="list-style-type: none"> – aulas expositivas com apresentação de slides e/ou materiais pedagógicos; – recepção de indagações, dúvidas e manifestações outras sobre a temática abordada, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> – indicação de leituras, filmes, documentários e live acerca das temáticas abordadas; – realização de tarefas individuais ou coletivas.

⁹ Ver no link: <https://www.youtube.com/@clubedainclusaoescolar4193/featured>

Da avaliação de aprendizagem dos/as cursistas

ETAPA 1

Aplicação de instrumentais-diagnósticos objetivando tomar conhecimento sobre as informações/experiências que os/as docentes de sala de aula, os/as docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE), cuidadores/as, mães e/ou responsáveis por estudantes com NEE e/ou TEA portam sobre a educação especial na perspectiva da educação inclusiva.

Aplicação de instrumentais-diagnósticos objetivando tomar conhecimento sobre as informações/experiências que os/as pais/mães e/ou responsáveis de estudantes com NEE e/ou TEA portam sobre a educação especial na perspectiva da educação inclusiva.

ETAPA 2

Produção de Atividades (individuais e/ou coletivas) dentro do processo formativo presencial de cada módulo voltadas à aplicação/execução dos conteúdos/temáticas estudadas no contexto de sala de aula.

ETAPA 3

Produção de Atividades (individuais e coletivas) ao final de cada módulo voltadas à verificação da aprendizagem dos conteúdos/temáticas estudadas no contexto de sala de aula.

Impactos dos projetos científicos

- Publicação de livros narrando a experiência formativa docente, dos/as cuidadores/as bem como das mães e/ou responsáveis por estudantes com NEE e/ou TEA portam sobre a educação especial na perspectiva da educação inclusiva;
- Registro fotográfico do processo formativo a ser apresentado à comunidade envolvida no projeto;

- Produção de pequenos vídeos apresentando etapas/momentos do projeto.

Educacionais

Contribuir para que Docentes, Técnicos/as em Educação, Cuidadores/as mães e/ ou responsáveis por estudantes com NEE e/ou TEA portem conhecimentos sobre a educação especial na perspectiva da educação inclusiva.

Intercultural

Contribuiu para que houvesse um diálogo entre os/as profissionais da educação que atuam e/ou se interessam pela Educação Especial Inclusiva bem como mães e/ou responsáveis por estudantes com NEE e/ou TEA, tendo por base os território indígenas e quilombola do Maciço do Baturité (CE).

Institucional

Fortalecimento da missão institucional da Unilab junto ao processo de interiorização no contexto do Maciço do Baturité (CE).

Nossos Agradecimentos

Nossos agradecimentos especiais a todos/as os/as docentes de sala de aula regular, docentes da sala do AEE, coordenadores escolares, diretores escolares, cuidadores/as dos/as estudantes com NEE e/ou TEA, técnicos/as em educação, assistente em educação, agente administrativo e também mães e/ou responsáveis por estudantes com NEE e/ou TEA que participaram conosco deste projeto.

Confederação Nacional de Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais (CONAFER)

Sr. Carlos Roberto Ferreira Lopes (Presidente da CONAFER)

Sr. Humberto Pereira

Sr. Akin Olori de Ogum (Paulo C. Barbosa)

Unilab

Prof. Dr. Roque do Nascimento Albuquerque (reitor da Unilab)

Profa. Dra. Claudia Ramos Carioca (vice-reitora da Unilab)

Sr. Vinícius Alves Morais (Secretaria de Comunicação da Unilab)

Secretaria de Educação do Governo do Estado do Ceará/Coordenadoria Regional de Desenvolvimento de Educação (CREDE) 8

Prof. Afonso Jampierry Silveira de Almeida

Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, Aratuba (CE)

Profa. Evania Maria Lima da Silva

Lideranças Povo Kanindé de Aratuba

Cacique Sotero

Sr. José Maria Pereira dos Santos

Secretaria Municipal de Aratuba (CE)

Sra. Simonica Viana de Freitas (Secretária Municipal de Educação)

Profa. Verilene Freitas da Silva Melo

Secretaria Municipal de Baturité (CE)

Sra. Lindomar da Silva Soares (Secretária Municipal de Educação)

Profa. Sulamita Torres de Oliveira

Escola Osório Julião – Comunidade Quilombola Serra do Evaristo, Baturité (CE)

Profa. Roberta Maria Leite dos Santos Brito

Prof. Evandro Clementino Ferreira

Comunidade Kolping Quilombola da Serra do Evaristo

Sra. Maria do Socorro Fernandes Castro

Sr. Francisco Delvane dos Santos Silva

Conclusões

O PROJETO – CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR – *Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial Inclusiva*, se efetivou como um **ação institucional da Unilab voltada ao processo de interiorização, de modo a colaborar de forma efetiva com o processo de formação de mão-de-obra qualificada** de professores/as para o exercício da docência voltada à melhoria da educação do Maciço do Baturité. Projeto de extensão que foi desenvolvido por meio da indissociável relação entre ensino-pesquisa-extensão, de modo promovemos a extensão ‘enlaçada’ ao ensino e a pesquisa.

Acreditamos que a metodologia utilizada permitiu que o projeto conseguisse atingir os objetivos propostos, pois tivemos grande adesão bem como permanência do seu público durante o curso. Além disso, conseguimos colher depoimentos dos/as docentes sobre a experiência vivida junto ao curso que evidenciam aprendizagem sobre a Educação Especial Inclusiva.

Dessa forma, avaliamos que o Projeto Clube da Inclusão representou uma oportunidade para a ampliação e fortalecimento do debate sobre a Educação Especial Inclusiva nos territórios Quilombolas e Indígenas do Maciço (CE). O que nos leva a acreditar na necessidade da realização de projetos com esta envergadura metodológica de cunho teórico-prática.

Referências

Anuário Brasileiro da Educação Básica – 2012. Disponível em: https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wpcontent/uploads/2021/07/Anuario_21final.pdf Acesso: 01 mai. 2023.

MEC/SEESP. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2007) Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf> Acesso: 10 abr. 2023.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (2012). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/expansao-da-rede-federal/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/18693-educacao-quilombola> Acesso: 28 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>

_____. Ministério Público Federal: Fundação Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva (organizadores). O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular. Ministério Público Federal: 2ª ed. rev. e atualiz. . Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2004.

_____. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. 2 de abril – Dia Mundial da Conscientização do Autismo. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/todas-as-noticias/2018/abril/2-de-abril-dia-mundial-da-conscientizacao-do-autismo>. Acesso: 20 abr. 2022.

_____. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm Acesso: 04 mar. 2023.

_____. Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade (2003). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/educacao-inclusiva> Acesso: 10 fev. 2023.

CEARÁ, Governo do estado do. 2022. Evolução da inclusão do aluno com deficiência na educação básica no Ceará. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2022/01/ipece_informe_205_20_jan_2022.pdf

FRANCO, Celma Correa; SILVA, Franco Antônio Lopes da; REGINA, Elizabete. A inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais nas escolas Xakriabá: Xukurank e Uikitu kuhinã. Disponível em: https://www.biblio.fae.ufmg.br/monografias/2017/TCC-CELMA_ANTONIO_E_ELIZABETE.pdf

MEC. Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) 2016 – 2021. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2016/02/Anexo-da-Resolu%C3%A7%C3%A3o-11-2016-P-DI-2016-2021.pdf>

_____. Estatuto Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Disponível em: <https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2020/12/Estatuto-Unilab-Dez.2020.pdf> Acesso: 01 mai. 2023

SILVA, Geranilde Costa e. **PROJETO – CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR: Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.** Unilab, 2022.



RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA FORMADORA JUNTO AO PROJETO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR DA UNILAB¹

Evania Maria Lima da Silva²

Sou Evania Maria Lima da Silva, atualmente estou como gestora da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos do povo Kanindé de Aratuba (CE), localizada no Sítio Fernandes localizada a 6km do centro da cidade em questão, trabalho nesta instituição de ensino desde de 2011 como professora e no ano de 2017 fui nomeada gestora da mesma.

Acredito muito em uma educação de qualidade inclusiva, então quando fui convidada para atuar como formadora pela

- ¹ Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.
- ² Licenciada em Ciência da Religião pela Kurios, Especialização em Metodologia Interdisciplinar e Intercultural para o Ensino Fundamental e Médio pela a UNILAB e no momento curso a Licenciatura Intercultural Kuaba pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: evaniakaninde07@gmail.com

professora Geranilde Costa e Silva³, junto ao projeto⁴ de extensão Clube da Inclusão Escolar – *Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*, aceitei, pois já atuei como professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos do povo Kanindé de Aratuba bem como realizei meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com a temática A educação especial na Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos, em 2015.

Dessa forma ministrei o Módulo I – Princípios da educação escolar indígena – aproximações quanto ao campo da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Momento em que pude apresentar e discutir com os docentes sobre o Conceito de Educação Especial Inclusiva, os princípios da educação especial inclusiva, bem como expus sobre alguns princípios da educação escolar indígena que se aproximam do campo da educação especial na perspectiva da educação inclusiva.

Tenho a convicção que a educação inclusiva no Brasil é algo desafiador e novo, que exige das autoridades um estudo aprofundado para se dar um suporte adequado às escolas que tem a sala de recurso multifuncional e também aos professores que trabalham com esse público na sala regular, por que muitas vezes esses educadores não têm a noção de como trabalhar com as especificidades de cada aluno.

Com isso o Clube da Inclusão Escolar veio para somar com o trabalho pedagógico que a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos realiza, o qual traz oportunidades de se construir uma educação especial inclusiva, pois se preocupa com a qualidade do ensino-aprendizado dos alunos os quais fazem parte desse contexto inclusivo. Visando sempre trabalhar de forma competente,

³ Docente da Unilab e coordenadora geral do projeto em questão.

⁴ Projeto de Extensão da UNILAB, em fluxo contínuo, com financiamento da Confederação Nacional de Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais – CONAFER.

tornando o desenvolvimento do aluno bem mais amplo, com uma visão de futuro na perspectiva que o mesmo consiga evoluir e despertar seus conhecimentos no decorrer da vida.

Por sua vez, minha motivação maior para ser formadora junto ao projeto do Clube da Inclusão Escolar, foi a intenção de repassar um pouco dos meus conhecimentos como docente do AEE dentro de uma escola indígena de modo que docentes percebem a necessidade de realizar um trabalho pedagógico de forma diferenciada considerando a necessidade de cada estudante que tem Transtorno do Espectro do Autismo e/ou Necessidade Educativas Especiais (NEE).

A educação especial inclusiva tem amparo legal e vem colaborar para que a escola seja inclusiva, portanto a escola deve ser inclusiva de modo a reconhecer as diferenças dos estudantes, como defende Rapoli (2010):

A escola comum se torna inclusiva quando reconhece as diferenças dos alunos diante do processo educativo e busca a participação e o programa de todos, adotando novas práticas pedagógicas. Não é fácil e imediata à adoção dessas novas práticas, pois ela depende de mudanças que vão além da escola e da sala de aula. Para que essa escola possa se concretizar, perante a necessidade de atualização e desenvolvimento de novos conceitos, assim como a redefinição e a aplicação de alternativas e práticas pedagógicas e educacionais compatíveis com a inclusão. (RAPOLI, 2010, p. 9).

Considerando este pensamentos procurei ministrar este módulo enfatizando bastante para os docentes que nossas crianças aprendem sim, porém no tempo delas, de maneira gradativa e com isso há a necessidade considerar as habilidades que a traz consigo mas também incentivar que ela se desenvolva cada vez mais. Daí a importância do processo procurar mecanismos e estratégias para trabalhar o que elas têm de melhor, tornando seu

processo de aprendizado prazeroso com resultados positivos. Daí a importância de entendermos que:

Para trabalhar com educação especial o professor precisa observar alguns requisitos básicos que serão essenciais para atuar na inclusão escolar, devemos primeiramente saber identificar os alunos com necessidades especiais; então procuro me aprofundar em conhecimentos entre a relação da escola com a família; conhecer novas metodologias que vão contribuir no ensino destes alunos; pesquiso métodos especiais de leitura e escrita; aprofundo, mas em saber de conhecimentos sobre avaliação e saber selecionar ou adaptar atividades ao ritmo e as dificuldades dos alunos a fim de estimular e aprimora a aprendizagem do meu aluno com necessidades especiais. (SILVA, 2015, p. 20)

Para trabalhar com crianças que possuem NEE e/ou TEA é necessária uma formação pedagógica inicial e continuada voltada para as especificidades de cada aluno.

Importante enfatizar que segundo o cronograma do curso a abertura do evento ocorreria na parte da manhã e logo em seguida eu daria início ao módulo em questão, no entanto isso não foi possível em função da mesa de abertura ter se prolongado bastante. Desse modo, tive que realizar o diálogo com os docentes de forma on-line, contudo avalio que o processo de ensino-aprendizagem ocorre de modo mais satisfatório de forma presencial, o que permite o contato físico entre as pessoas, olhar nos olhos bem como sentir a reação individual e coletivas do público referente ao conteúdo.

Foi também previsto no projeto do curso a elaboração, por parte do formador, uma Atividade Domiciliar a ser desenvolvida pelos docentes, de forma individual ou coletiva. De modo que orientei que os cursistas apresentassem menos 03 (três) sugestões para que se efetive a inclusão escolar de estudantes indígenas com Necessidades Educacionais Especiais (NEE) e/ou Transtorno do

Espectro do Autismo (TEA). Nesse sentido, destaco que a grande maioria dos docentes apontaram para a necessidade da promoção da adaptação da escola e, por conseguinte, a adaptação curricular de modo a atender às diferenças individuais dos estudantes com estudantes indígenas com NEE e/ou TEA. Avalio que alcancei o propósito do módulo, pois os docentes entenderam que ao se idealizar o trabalho com a educação especial inclusiva temos que fazer mudanças, então é sacudir a poeira e deixar a inclusão acontecer, pois sabemos que muitas ações dependem de cada um de nós.

Concluo dizendo, primeiro que fiquei muito feliz em ter contribuído para a formação dos educadores que fizeram parte do projeto Clube da Inclusão Escolar, uma vez que pude perceber o desejo desses em aprender sobre educação especial inclusiva. E também, que estou muito grata em ter sido uma fonte de conteúdo, ou seja, falar da minha experiência como professora indígena que tem compromisso com a educação especial inclusiva, replicando meus conhecimentos para todos.

Segue logo abaixo algumas imagens: do momento de apresentação do projeto Clube da Inclusão Escolar – *Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*, pela professora Geranilde Costa, para grupo docente de nossa escola.

Imagens do Projeto

Imagem 1 – apresentação do projeto á Escola Kanindé



Fonte: Arquivo Pessoal

Imagem 2 – Abertura do projeto na Escola Kanindé



Fonte: Arquivo Pessoal

Referências

RAPOLI, E. A. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Especial ; Fortaleza : Universidade Federal do Ceará, 2010. V. 1.

SILVA, Evania Maria Lima da. **A educação especial na escola indígena Manoel Francisco dos Santos**.



EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL INCLUSIVA

Cláudia de Oliveira da Silva¹

Minha trajetória na comunidade quilombola foi desde que nasci, porém, a compreensão conceitual faz parte de um processo contínuo de resgate da memória histórica e construção do conhecimento. Através da busca por minha ancestralidade, motivada e facilitada por técnicas Pretagógicas tenho encontrado as respostas para as minhas indagações interiores e consequentemente para meu coletivo de vivências.

Comecei muito cedo como alfabetizadora na escola da minha comunidade e fui ampliando meus trabalhos tanto localmente como regionalmente. O principal objetivo ainda continua sendo, de poder contribuir para o despertar das minhas africani-

¹ Mestra e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. E-mail: claudia.quilombola@alu.ufc.br

dades, bem como de outras pessoas a partir do autoconhecimento ancestral, como dizia Mãe Stella de Oxóssi, pela “porteira de dentro”. A busca pela conexão com a ancestralidade, com as memórias adormecidas (individuais e coletivas), com as tradições e vivências comunitárias, nos aproxima cada vez mais da nossa pertença, enquanto sujeitos ativos(as) e produtores(as) da nossa própria história.

Tenho interesse em conhecer e aprofundar meus conhecimentos, sobre a maioria das temáticas relacionadas aos quilombos, especialmente sobre a educação. Porque compreendo que quando a escola do quilombo dialogar com a comunidade de forma cooperativa e construtiva, teremos um ensino ainda mais qualificado e significativo, refletindo além, dos aspectos sócio históricos e culturais, as demandas que surgem no dia-a-dia da comunidade.

Quando o currículo envolver a participação ativa dos segmentos que compõem a escola e quando esta, se abrir para a comunidade e vice-versa, de modo que possamos respeitar os jeitos de ser, viver, sentir, trabalhar e educar de cada território, aí teremos uma educação transformadora e inclusiva.

Em 2010, quando participei do curso de Especialização em Formação de Professores(as) de Quilombo realizada pela Universidade Federal do Ceará – UFC, coordenada pela professora Dr^a Sandra Haydée Petit, pude perceber através das vivências, a diferença que faz, quando a escola sai de seus muros e adentra ao mundo da comunidade. Só podemos falar com segurança daquilo que experimentamos e conhecendo como vive a comunidade, podemos incentivar os(as) estudantes a valorizarem cada vez mais sua cultura e se orgulharem de seu povo. Isso se faz com uma educação que incentiva a produção de conhecimentos a partir da valorização da história e cultural local.

Já desenvolvi diversas ações pedagógicas relacionadas ao despertar da negritude e atualmente estou iniciando uma pesquisa sobre processos de aquilombamento do currículo quilombola em escolas no Ceará, compreendendo que esse processo exige da

maioria, certo pertencimento afro-quilombola para situar-se na história e perseguir os caminhos possíveis para alcançar as metas coletivas.

Em 2022 fui agraciada ao receber o convite da professora Dr^a Geranilde Costa e Silva, coordenadora do projeto² Clube da Inclusão Escolar – *Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à educação especial na perspectiva da educação inclusiva*, para ministrar o Módulo I Etapa II: princípios da educação escolar quilombola aproximações quanto ao campo da educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Esse projeto de extensão, foi realizado pela Universidade Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), junto às escolas quilombolas e indígenas da região do Maciço do Baturité (CE). Conheci a proposta do projeto e logo chamou minha atenção ao tratar sobre a inclusão no ambiente escolar, proporcionando um outro olhar sobre a realidade da comunidade, a qual a escola está inserida.

A primeira atitude que tomei foi procurar conhecer um pouco mais sobre a temática e também compreender as mudanças que estavam acontecendo comigo mesma, pois, naquele mesmo período eu estava estagiando em uma turma de graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Ceará (UFC), com a presença de pessoas com deficiências. Foi uma quebra de paradigma tanto na construção das relações, formas de atendimento individual e coletivo, maneira de expressão e principalmente nas reflexões sobre as minhas limitações enquanto ser humano socialmente padronizado. Aceitei o convite como uma oportunidade de melhoramento pessoal e profissional, pois a teoria e a prática precisam caminhar juntas, ou então caem no discurso vazio.

O primeiro momento com os(as) educadores(as) foi de forma presencial, quando nos encontramos na Escola de Ensino

² Projeto de Extensão da UNILAB, em fluxo contínuo, com financiamento da Confederação Nacional de Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais – CONAFER.

Infantil e Fundamental Osório Julião na comunidade quilombola da Serra do Evaristo em Baturité/CE, um dos territórios onde desenvolvo minha pesquisa de doutorado. Ambiente bastante favorável para refletir de forma dialógica sobre a educação especial na perspectiva da inclusão nas escolas em áreas remanescentes de quilombos, além de oportunizar aos participantes momentos vivenciais em espaços da comunidade, como o museu arqueológico e outros equipamentos. Esses momentos tiveram a participação de profissionais indígenas e quilombolas numa grande ciranda, compartilhando saberes tradicionais e acadêmicos.

O segundo momento deu-se de forma remota utilizando-nos dos recursos tecnológicos onde apresentamos uma pauta sobre as orientações da Resolução do Conselho Nacional de Educação – CNE Nº 08/2012 que define as Diretrizes Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Assegurando direitos, a resolução cita em seu artigo 1º que, a Educação Escolar Quilombola compreende todas as outras modalidades de educação, como apresenta o Art. 22 da Resolução CNE Nº 08/12 que trata especificamente sobre a Educação Especial, na modalidade da Educação Escolar Quilombola:

A Educação Especial é uma modalidade de ensino que visa assegurar aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades e superdotação o desenvolvimento das suas potencialidades socioeducacionais em todas as etapas e modalidades da Educação Básica nas escolas quilombolas e nas escolas que atendem estudantes oriundos de territórios quilombolas. (Brasília, 2012, p. 10)

Realizamos reflexões importantes a respeito da inclusão dos(as) estudantes no ambiente escolar. Muitas vezes nos detemos a determinadas temáticas ou conceitos, julgando-os(as) como fundamentais, mas é necessário percebermos como as pessoas estão se sentindo acolhidas e inseridas na escola. Levando em conside-



ração que somos todos(as) diferentes em nossas especificidades próprias, devemos desenvolver valores que possam contribuir com a melhoria da qualidade de vida da sociedade como um todo. Apresentamos uma reflexão sobre a modalidade da Educação Escolar Quilombola fazendo a relação com a educação inclusiva. E o último momento dessa etapa, deu-se por meio de atividade reflexivas/interventivas por parte dos(as) participantes em seus ambientes de trabalho. Disponibilizamos vídeos, textos e orientações para facilitar o desenvolvimento do trabalho docente em seu contexto local.

Os materiais disponibilizados possibilitaram o reconhecimento de aspectos da educação inclusiva no contexto local, a importância do respeito às especificidades próprias de cada comunidade quilombola, ações pedagógicas possíveis para os contextos apresentados, entre outras. As reflexões foram realizadas coletivamente e muito nos surpreendeu com tamanha qualidade, engajamento e compromisso dos(as) profissionais com uma educação inclusiva, antirracista e mais humanizada.

A participação em todos os momentos foi um ponto muito positivo, pois houve uma sequência de atividades sendo desenvolvidas e acompanhadas por todos(as). Os(as) participantes se envolveram nas temáticas mostrando a importância do tema para as práticas pedagógicas inclusivas nas escolas, independente se possuem pessoa com deficiência ou não, são valores humanos de respeito, empatia e compromisso com a construção de uma escola cada vez melhor.

Como eu já estava participando de uma outra atividade com pessoas com deficiência, considero que aprendi muito, no sentido de refletir a minha própria postura, comunicação e relacionamento com as pessoas do meu convívio social, buscando mais conhecimentos sobre o assunto.

A devolutiva dos(as) participantes foi muito rica de impressões, sugestões e propostas pertinentes ao desenvolvimento de uma educação inclusiva na escola quilombola. Observaram de

forma coerente que os Projetos Políticos Pedagógicos devem considerar aspectos que agregam valores a toda comunidade, além de espaços físicos adequados e acessíveis, políticas públicas de valorização, profissionais qualificados e capacitados continuamente, como aponta Figueredo e Lustosa (2021),

[...] é preciso empreender debates mais amplos na área educacional, incluindo o desenvolvimento de ações coletivas de engajamento de professores(as) e demais profissionais da escola, objetivando a revisão de suas práticas constantemente, em um exercício pleno de compromisso e reflexão. (FIGUEREDO E LUSTOSA, 2021, p. 87)

A defesa da inclusão de pessoas com deficiência em turmas regulares parte do ponto de vista da garantia integral do direito de aprender e conviver socialmente, de todos(as) os(as) estudantes. É necessário que os projetos pedagógicos fomentem práticas, metodologias cooperativas onde o(a) educando(a) tenha condições de potencializar habilidades psicossociais e de interação para uma aprendizagem qualitativa e significativa. O investimento público em materiais específicos e tecnológicos, além da preparação da escola para que sempre haja acolhimento, amor, equidade e integração para permanência e sucesso de todos(as), levando em consideração às limitações e o tempo de aprendizagem de cada pessoa.

Diante de tão importante projeto sinto-me privilegiada pela oportunidade de participar dessas reflexões, ações e propostas para uma educação mais inclusiva nas escolas quilombolas. Mesmo sabendo das situações condicionantes das organizações escolares, podemos ampliar nossos olhares para além do nosso cotidiano. Segundo Figueredo e Lustosa (2021):

[...] acolher as diferenças de todos os educandos e atuar pedagogicamente com todos eles está imbricado ao processo de transformar uma conjuntura sócio-político-educacional maior, uma vez que todas as questões da inclusão es-

tão ligadas diretamente à melhoria da instituição escolar e de suas práticas de uma maneira geral. (Idem, 2021, p. 83).

Fortalecemos nossas práticas pedagógicas, ampliamos nossos olhares e renovamos o sentimento de esperança em uma educação potencializadora de sonhos e transformadora de vidas.

É nesse caminhar coletivo que podemos construir um mundo melhor para todos(as) através da educação.

Segue logo abaixo imagem dessa formação.

Imagem 1 – Formação Docente.



Fonte: Coordenação do projeto

Referências

BRASÍLIA. **Resolução CNE/CEB nº 8**, de 20 de novembro de 2012. Brasília, p. 10, 2012.

FIGUEREDO, Rita Vieira de; LUSTOSA, Francisca Geny. **Inclusão, o olhar que ensina! a construção de práticas pedagógicas de atenção as diferenças**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2021.



FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS): EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS PARTILHADAS NO PROJETO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR (ARATUBA/CEARÁ)

Mara Rita Duarte de Oliveira Berraoui¹

Introdução

Ao escrever sobre minha trajetória formativa no Projeto² Clube da Inclusão – Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educa-

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Instituto de Ciências Exatas e da Natureza (ICEN) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Coordenadora do Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação, Diversidade e Formação de Educadores Brasil/África (GEDIFE/UNILAB).
E-mail: mararita@unilab.edu.br

² Projeto de Extensão da UNILAB, em fluxo contínuo, com financiamento da Confederação Nacional de Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais – CONAFER.

ção Inclusiva³ desenvolvido na Região do Maciço de Baturité (CE), para compor a coletânea de artigos sobre a experiência vivenciada como formadora, me repenso humanamente, como educadora e militante. Desta forma, tentarei, ao longo deste artigo, escrever um texto traduzido pelo meu percurso docente/formadora no módulo II, que teve como temática As Legislações/convenções internacionais, nacionais e do Estado do Ceará no Campo da educação especial na perspectiva educação especial.

Assim, vou entrelaçando fragmentos da minha memória individual com a memória docente coletiva dos(as) professores e professoras que fizeram parte deste processo formativo junto comigo. Confesso, que resisti nesta escrita, porque para mim escrever não é apenas um desabafo; mas “*é uma vivência que muda*” (BARON, 2000, p. 57). Desta forma, a tessitura deste artigo traz em si o meu sentir, pensar e a palavra escrita, não escrito apenas pelo meu desejo individual, mas motivado pelas vozes e escritas dos(as) professores(as) cursistas, que me trazem em seus textos e experiências uma multiplicidade de aprendizados interdisciplinar e multicultural.

Na obra intitulada “A Ordem do Discurso”, o filósofo Michael Foucault (2006) afirma que há a existência de indivíduo que escreve e inventa, e que um indivíduo ao colocar-se ao escrever um texto traz para si responsabilidade de elaborar uma obra possível e então assume a função de autor. Desta forma, concordando com Foucault, tentarei registrar neste artigo a extraordinária experiência formativa que tive a possibilidade de participar no Projeto Clube da Inclusão. Assim, ao ingressar como formadora no projeto supracitado, meu objetivo foi contribuir para a formação inclusiva dos(as) professores(as) indígenas e quilombolas, a partir da articulação das atividades teóricas, metodológicas e didático-pedagógicas em uma perspectiva da educação inclusiva, tomando

³ Minha participação no projeto se deu a partir do gentil convite da Professora Geranilde Costa e Silva, coordenadora do Projeto Clube da Inclusão.

como base teórica fundamental as questões relacionadas legais, pedagógicas e reflexões acerca do que temos vivenciado nos processos de formação inicial e continuada de Professores no campo da educação especial.

Educação especial e formação continuada de professores na perspectiva da Educação Inclusiva

No registro da experiência partilhada coletivamente com os(as) professores(as), recorro a Nóvoa (1992) quando penso que o mérito de trabalhar com a memória coletiva reside no fato de trazê-los(as) para o centro dos debates educativos e das questões da investigação científica aliadas às práticas concretas do cotidiano da sala de aula. Assim, ao falar desta formação é na verdade um encontro com um emaranhado de histórias e experiências docentes, que para além das aulas teóricas e das atividades realizadas no módulo II, trata-se, indiscutivelmente, da partilha de saberes trazidos pelos(as) professores(as) a partir das experiências concretas vivenciadas em sala de aula. Com isso compreendo o meu lugar, o lugar do outro, os caminhos reconstruídos com os saberes colhidos ao longo do percurso acadêmico, profissional e pessoal de cada sujeito escolar no processo de realização do módulo formativo.

A discussão sobre educação inclusiva tem se constituído como um desafio para as escolas e para os(as) professores(as). O trabalho docente frente à educação inclusiva é uma tarefa árdua e exige a necessidade de compreensão do que é educar no contexto educacional da educação especial, assim como, de aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais que envolvem essa modalidade de ensino nas escolas indígenas e quilombolas. Além da exigência de estrutura física e operacional adequada para a realização dos processos educativos e a criação de condições para que o(a) professor(a) se atualize constantemente e esteja apto a enfrentar os problemas típicos do trabalho pedagógico com estudantes público-alvo da Educação Especial (EE).

As escolas têm de encontrar a maneira de educar com êxito todas as crianças, inclusive aquelas com deficiências graves; isso pode ser observado na Declaração de Salamanca que *“determina que cabe a escola se adaptar ao aluno com deficiência e não este a escola”* (SALAMANCA,1994,p.17-18.). Isso significa que cabe à escola buscar maneiras de educar todas as crianças, inclusive as deficientes, independente de cor, raça, religião etc. Assim, o principal desafio da escola é promover uma educação que atenda a todos(as) sem excluir, respeitando as diferenças individuais e estimulando a capacidade de aprender.

A Declaração de Salamanca de 1994 apontou que a escola inclusiva deve se adequar às necessidades de cada criança seja ela de aprendizagem ou de alguma outra necessidade educativa. Dessa forma, deve oferecer oportunidades de aprendizagens e de inclusão através do ensinar e aprender em salas de aulas regulares. A escola inclusiva nesta perspectiva oportuniza uma educação emancipatória com princípios políticos e sociais com vistas à formação cidadã.

Ainda, em consonância com a Constituição Federal de 1988, destaca-se o artigo 205 que prevê o direito de todos à educação e artigo 208 que prevê o atendimento educacional especializado, e a inclusão escolar, fundamentada na atenção à diversidade, exigindo mudanças estruturais nas escolas comuns e especiais, aliada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº. 9.394/96), neste sentido, apontam que a escola deve ser um espaço importante da Educação Especial e inclusiva.

A escola inclusiva, segundo Adiron (2010), é aquela que pretende em primeiro lugar, estabelecer ligações cognitivas entre os(as) estudantes e o currículo escolar e todo o processo pedagógico, para que eles desenvolvam melhores estratégias que permitam resolver problemas da vida cotidiana. Sendo que, cabe à escola compreender, que cada estudante tem um ritmo de aprendizagem e diferentes estágios cognitivos, onde o(a) professor(a) deverá criar estratégias, que busquem um melhor

desempenho dos(as) estudantes, tornando-se cada vez mais um educador melhor.

Nessa perspectiva da intervenção docente nas salas de aulas regulares com estudantes público-alvo da educação especial, o projeto clube de inclusão, através dos seus módulos formativos, aqui destaco aquele que fui formadora/aprendiz, oportunizou uma formação continuada de professores(as) comprometidos(as) com uma educação emancipadora, crítica e reflexiva.

As atividades em sala de aula ou aquelas realizadas no espaço domiciliar dos(as) cursistas, integraram um processo formativo em que se articulou saberes pedagógicos, saberes da experiência, saberes científicos, saberes curriculares com saberes profissionais trazidos pelos(as) cursistas e formadores(as).

Nas atividades intituladas domiciliares, denominei de atividades de tempo-comunidade, pois os (as) professores(as) cursistas ao retornarem a sua escola e comunidade, realizaram atividades envolvendo sessões de estudos individuais e coletivos, assim como produção escrita e reflexiva de diferentes conteúdos que tratam das múltiplas deficiências e ou altas habilidades relacionados à educação especial.

O módulo II foi realizado na escola indígena Manoel Francisco dos Santos, na Aldeia Indígena Sitio Fernandes, constituiu-se em uma relação direta com os(as) professores(as) de diferentes escolas envolvidas no projeto. A realização da formação neste espaço educativo e cultural, possibilitou as(aos) formadores(as) e professores(as) cursistas a vivência afetiva, cultural, dialógico e científica, interrelacionados saberes científicos e acadêmicos com saberes culturais da escolares indígenas e quilombolas.

Figura 1 – Vista do piso superior da Escola



Fonte: Fotografia Cedida pelo professor Nilton Kanindé (2022)

Neste sentido, não foi uma formação extemporânea a realidade dos(as) cursistas, muito pelo contrário, foi uma formação continuada contextualizada em uma realidade concreta, pois, *“saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”* (FREIRE, 1996; p. 52). Portanto, quando o(a) professor(a) apropria-se do conhecimento se beneficia das contribuições teóricas e práticas referentes as compreensões do processo de ensinar e aprender, define melhor as metodologias e estratégias de ensino, supera as dificuldades e vê com mais clareza as possibilidades de intervir na realidade com maior qualidade e coerência.

E isso foi o que foi possível através da realização do Módulo II do Projeto do Clube da Inclusão, trazer aos(as) professores(as) a possibilidade de um aprendizado significativo com a troca de experiências, estudos partilhas de saberes e reflexões de diferentes sujeitos sobre ensinar e aprender dos diferentes estudantes que chegam diariamente à escola.

Considerações finais

A formação continuada de professores(as) oferecida pelo Projeto Clube da Inclusão foi baseada numa epistemologia da prá-

tica, ou seja, na valorização da prática profissional como momento de construção de conhecimento, através da reflexão, análise e problematização de situações vivenciadas no âmbito do exercício profissional.

Sabemos que muito ainda pode e deve ser feito nos caminhos da construção de uma educação escolar inclusiva, e para isso é necessário também uma sociedade inclusiva. Pois, “*se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.*” (FREIRE, 2000; p.31)”. Assim, o projeto Clube da Inclusão contribui significativamente para a educação especial e inclusiva na sociedade local e regional do Estado do Ceará.

Referências

ADIRON, Fábio. Educando na Diversidade. In: LICHT, Flavia Boni; SILVEIRA, Nubia (Orgs.). *Celebrando a Diversidade: Pessoas com Deficiência e Direito à Inclusão.* – São

Paulo: Planeta Educação – um mundo de serviços para a escola, 2010. p. 68 –74.

BARON. Subjetividade, criação e a questão do miolo do pão. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). *Novos olhares sobre a Alfabetização.* 2ª edição. São Paulo Cortez, 2004. p. 55-72

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso.* 14ª edição. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. Edições Loyola, São Paulo, 2006. _____. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96.

Declaração Mundial de Educação para Todos e Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem. Conferência Mundial sobre Educação para Necessidades Especiais, 1994, Salamanca (Espanha). Genebra: UNESCO, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire, São Paulo, Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos* / Paulo Freire. São Paulo: editora Unesp, 2000.

NÓVOA, António (Org.) *Vidas de professores*. Portugal: Porto, 1992.



AUTISMO E AS FUNÇÕES EXECUTIVAS: DIALOGANDO COM DOCENTES SOBRE O CÉREBRO AUTISTA

Juliana de Melo e Silva Façanha¹

Sou professora Juliana de Melo e Silva Façanha, graduada em Licenciatura em Pedagogia, Especialista em Educação Infantil, Especialista em Atendimento Educacional Especializado e Especializanda em Neuropsicopedagogia. Tenho algumas formações sobre Autismo, Deficiência Intelectual e Altas Habilidades/ Superdotação. Sou docente há 16 anos e já lecionei em várias modalidades de ensino como educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e também ministrei aula em faculdade de pós-graduação. Atualmente estou como professora da Sala de Recursos Multifuncionais do Município de Caucaia (CE).

¹ Pedagoga. Especialista em Educação Infantil, Especialista em Atendimento Educacional Especializado e Especializanda em Neuropsicopedagogia. E-mail: juliana.facanhame@gmail.com



Fui convidada para participar do projeto² de extensão Clube da Inclusão Escolar – *Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*, pela coordenadora Geranilde Costa, no dia em que estava ministrando uma formação sobre Autismo em uma determinada faculdade em Fortaleza (CE). Foi um encontro rápido, onde ela explicou de forma muito sucinta como funcionava o projeto em questão, mas adiantou que era uma formação para professores do Maciço de Baturité, e para comunidades Quilombolas e Indígenas, imediatamente dei o meu sim. Fiquei aguardando um outro contato e muito empolgada com a experiência que eu vivenciaria, já que nunca tinha conhecido de perto essas comunidades. Durante esse período de espera fiquei cheia de dúvidas e curiosidades, tive vontade de desistir, pois sabia da grande responsabilidade que eu teria em abordar sobre o tema autismo para tantas pessoas, um assunto tão complexo e tão real nas nossas escolas. Mas o meu desejo de falar sobre inclusão sempre foi maior do que minhas inseguranças e, como não desisto facilmente dos desafios que a vida me impõe, resolvi enfrentar e ter paciência nessa minha nova jornada.

Então fui em busca de estudos para apresentar aos cursistas assuntos que fossem pertinentes ao nosso dia-a-dia, de modo a utilizar uma fala simples e de fácil compreensão, procurando explicar muitas nomenclaturas, comportamentos e atitudes que pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) apresentam. Nesse período de preparação a professora Geranilde entrou em contato comigo e me convidou para ministrar o Módulo III – Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

O grande dia chegou e quando vi a quantidade de discentes que estavam no evento, senti uma mistura de emoções.

² Projeto de Extensão da UNILAB, em fluxo contínuo, com financiamento da Confederação Nacional de Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais – CONAFER.

Alegria, por estar naquele belo lugar junto a natureza, mas senti um frio na barriga, pelas atribuições que me foram confiadas e entusiasmada, pelo encontro que estava para acontecer.

Ao chegar na Escola Osório Julião pertencente a área de Remanescente Quilombola na Serra do Evaristo, em Baturité (CE) fui agraciada com muito carinho e respeito por todos que ali estavam, ainda meio tonta devido a subida da serra, mas determinada com o propósito ao qual fui designada.

O Módulo III foi o primeiro ministrado por mim, que tratava do Transtorno do Espectro do Autismo. Logo que cheguei ao encontro de todos, fomos recebidos com um batuque lindo de instrumentos e uma acolhida especial onde pude relaxar e sentir como se estivesse em casa. Dentro de pouco tempo, veio a fala da coordenadora do projeto, Geranilde Costa, que fez uma recepção calorosa e que me deixou emocionada com a imensa delicadeza, sendo um afago a minha alma.

Assim que comecei a apresentar, tão logo fizemos uma dinâmica em duplas para que todos pudessem experimentar um pouco como os nossos alunos se sentem dentro das nossas salas de aulas. Foram distribuídas para o grupo de docentes folhas, lápis de cor e canetinhas para a realização de uma atividade que teria 02 (dois) momentos. No primeiro, precisava que eles seguissem algumas regras, como: não usar a mão dominante, não se comunicar com o outro e um dos companheiros teria que complementar o traçado do outro, até formarem um desenho em um tempo determinado por mim. No segundo momento, eles ficaram livres para conversar entre si e determinar um título para o desenho criado. Esta atividade teve como objetivo compreender os sentimentos e as fragilidades do aluno, dentro da sala de aula, quando não realiza as atividades que foram estabelecidas pelos professores. Segue logo abaixo fotos desse momento.

Imagens do momento formativo

Imagem 1 – Atividade coletiva



Fonte: Coordenação do Projeto.

Imagem 2 – Atividade coletiva



Fonte: Coordenação do Projeto.

O resultado dessa atividade foi muito bom, porque todos os docentes compartilharam o que sentiram e conseguiram perceber

por um momento, as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência. A discussão em plenária foi muito excitante e interessante, que quase não consegui entrar no assunto proposto do dia. Todos queriam falar e participar, dando o seu depoimento do sentimento de angústia que presenciaram na atividade grupal.

De modo que começamos a debater o tema acerca dessas inquietudes que foram afloradas durante a atividade, tal situação era o propósito daquela dinâmica. E quanto mais eu falava, mais anseio pelo conhecimento eles tinham. Era uma necessidade de compreender como as pessoas com TEA reagem nos seus comportamentos disruptivos e de adquirir respostas para as tais perguntas: *O que era autismo? Quais características eles apresentavam? O que eram estereotípias e ecolalias? O que eram prejuízos nos neurônios espelhos? Quem poderia dar o diagnóstico?*

Enfim, pude apresentar e dialogar sobre o conceito e especificidades do Transtorno do Espectro Autista (TEA) apresentado pela Organização Pan Americana da Saúde (OPAS):

Se refere a uma série de condições caracterizadas por algum grau de comprometimento no comportamento social, na comunicação e na linguagem, e por uma gama estreita de interesses e atividades que são únicas para o indivíduo e realizadas de forma repetitiva. O TEA começa na infância e tende a persistir na adolescência e na idade adulta. Na maioria dos casos, as condições são aparentes durante os primeiros cinco anos de vida. Indivíduos com transtorno do espectro autista frequentemente apresentam outras condições concomitantes, incluindo epilepsia, depressão, ansiedade e transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH). O nível de funcionamento intelectual em indivíduos com TEA é extremamente variável, estendendo-se de comprometimento profundo até níveis superiores. (Organização Pan Americana da Saúde (OPAS))

Já quanto aos principais fatos temos que:

Os transtornos do espectro autista começam na infância e tendem a persistir na adolescência e na idade adulta.

Embora algumas pessoas com transtorno do espectro autista possam viver de forma independente, outras têm graves incapacidades e necessitam de cuidados e apoio ao longo da vida.

As intervenções psicossociais baseadas em evidências, como o tratamento comportamental e os programas de treinamento de habilidades para os pais, podem reduzir as dificuldades de comunicação e comportamento social, com impacto positivo no bem-estar e qualidade de vida das pessoas com TEA e seus cuidadores.

As intervenções para as pessoas com transtorno do espectro autista precisam ser acompanhadas por ações mais amplas, tornando ambientes físicos, sociais e atitudinais mais acessíveis, inclusivos e de apoio.

Em todo o mundo, as pessoas com transtorno do espectro autista são frequentemente sujeitas à estigmatização, discriminação e violações de direitos humanos. Globalmente, o acesso aos serviços e apoio para essas pessoas é inadequado. (Idem)

Senti-me em um ambiente onde não os via como meus discentes, mas sim como colegas de profissão. Foi uma troca espetacular de práticas e aprendizados que ficarão guardados para sempre no meu coração. Quando paramos para o almoço pude saborear uma refeição divina, feita com muito amor e afabilidade, tudo produzido por aqueles que faziam parte da comunidade local.

Saí daquele espaço cheia de uma energia contagiante que não sabia explicar. Uma sensação de dever cumprido. Foi pouco tempo para muita conversa. Ficaria horas dividindo com todos um pouco mais das minhas experiências. Foi um prazer enorme. Terminamos, tanto eu quanto os educandos, presentes naquele lugar, com um desejo de *quero mais*. Senti o desejo de voltar para re-encontrar aquelas pessoas que transbordavam de um sentimento rico e verdadeiro, ainda estando naquele ambiente, por saber que minha hora de ir estava se aproximando.

Retirei-me do recinto com uma felicidade muito grande no meu ser, mas com o desígnio de buscar mais saberes para contribuir no processo de aprendizado daqueles alunos.

Uma vez que foi também previsto no projeto do curso a elaboração, por parte do formador, uma Atividade Domiciliar a ser desenvolvida pelos docentes, de forma individual ou coletiva, propomos que assistissem a dois filmes, um deles era “Uma viagem inesperada” e o outro era “Como estrelas na terra”. A orientação dada foi que a medida que assistissem aos filmes observassem as características dos personagens principais e fizessem uma comparação com o que foi exposto nas nossas aulas. E o resultado foi espetacular. Conseguiram compreender, identificar e relatar a importância de ter uma visão requintada dentro dos nossos espaços de trabalho. Um cuidado humanizado para com esse grupo específico do espectro do autismo.

Após finalizar o Módulo III fui convidada novamente pela profa. Geranilde Costa agora para ministrar o Módulo IV – Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e Funções Executivas, tendo por objetivo aprofundar mais sobre o funcionamento do cérebro autista, suas fragilidades e seus comportamentos restritos. Resolvi pesquisar sobre os Lobos do Cérebro e suas funções, as Funções Executivas e quais estímulos eram necessários para o melhor desenvolvimento deles, daí decidimos que o Módulo IV seria sobre o Transtorno do Espectro do Autismo e as Funções Executivas.

Esse módulo foi realizado na Escola Kanindé em Aratuba (CE). Iniciamos esse momento com um curta-metragem sobre inclusão chamado “Cordas” (2014)³. Todos ficaram atentos e emocionados com o ensinamento que o filme transmitia. Puderam perceber como uma criança se desenvolve quando é estimulada, por mais simples que os estímulos sejam. Novamente ocorreu um debate criativo de opiniões tocantes, quanto ao assunto em questão.

A elucidação dos fatos abordados sobre a importância do nosso cérebro e do funcionamento dos lobos, foi de grande rele-

³ <https://www.youtube.com/watch?v=T2cU4wPfcho>



vância, pois os docentes puderam perceber que um lobo é interligado ao outro e que todos são importantes para um bom funcionamento neural. Apresentamos o Lobo Frontal, onde fica localizado as funções executivas, pois é nele o maior prejuízo que as pessoas com autismo enfrentam. Mas, diante das situações expostas na apresentação, conseguimos observar que não somente quem tem alguma deficiência ou transtorno está acometido dessas fragilidades. Entretanto, à medida que íamos expondo, a turma começou a se identificar com as dificuldades enfrentadas, como esquecimento, intolerância a barulho, não saberem solucionar problemas, falta de organização e planejamento.

Todo esse contexto está inserido nas funções executivas que são habilidades que ajudam no nosso desenvolvimento. Existem três dimensões fundamentais que compõem as funções executivas: memória de trabalho, controle inibitório e a flexibilidade cognitiva. Quando compreendemos essas funções, passamos a enxergar melhor as complexidades do transtorno, temos mais sensibilidade, e um olhar mais refinado. Podendo, assim, conviver e ter mais confiança em adentrar no mundo do autismo. E essa era a finalidade desse reencontro, que os discentes tivessem essa visão apurada para identificar, perceber as atitudes, comportamentos e saberem oferecer os estímulos adequados. pois quanto mais cedo for oportunizado melhor será o desenvolvimento da criança para que se torne um adulto funcional.

Foram expostos vários jogos, cada qual com a sua finalidade, para que eles tivessem noção de como manusear e desenvolver as habilidades necessárias para trabalhar com seus alunos. Foi explicado a importância do lúdico na prática pedagógica e como utilizar o DUA (Desenho Universal para Aprendizagem) na interação e na inclusão de todos em sala de aula, observando que

(...) o DUA é uma abordagem teórica que visa oferecer subsídios aos professores para pensar em atividades para todos. Não se trata de atividades específicas ou adaptações

de ensino, mas sim em fornecer caminhos diferentes para que o professor possa pensar na aprendizagem do aluno. É uma maneira de romper com o tradicional currículo engessado, padronizado e denominado por Rose e Meyer (2014) de currículo tamanho único. (OLIVEIRA, GONÇALVES E BRACCIALI, 2021, p. 3037)

Solicitei ainda que em grupos escolhessem um jogo que poderia ser usado em sala de aula com seus alunos e descrevessem quais habilidades iriam ser trabalhadas nesse recurso. O resultado foi bastante exitoso, pois alguns utilizaram de objetos da sua própria cultura para criarem atividades que envolvessem a todos.

Durante esse processo, tive poucas dificuldades, mas acredito que o maior deles foi o planejamento das aulas on-line, as quais tínhamos que fazer uma gravação pelo YouTube. A falta do contato presencial me deu a sensação de estar sozinha e o receio de fazer algo errado. Também enfrentei o medo de subir a serra, pois tenho aversão a altura. No decorrer da viagem, fiquei em alguns momentos com as mãos geladas e com tontura, mas soube resistir aquele pequeno medo. Conhecia pouco a região e ao mesmo tempo que sentia temor, ficava deslumbrada com tanta beleza.

Diante das atividades propostas, percebi que atingiram as minhas expectativas, tiveram bastante esmero na resolução e na entrega dos materiais exigidos e obtiveram resultados primorosos quanto ao conhecimento adquirido. Fiquei bastante contente com a exposição dos fatos abordados e realizada por ter atingido o objetivo que era a compreensão do Transtorno do Espectro do Autismo.

Conclusões

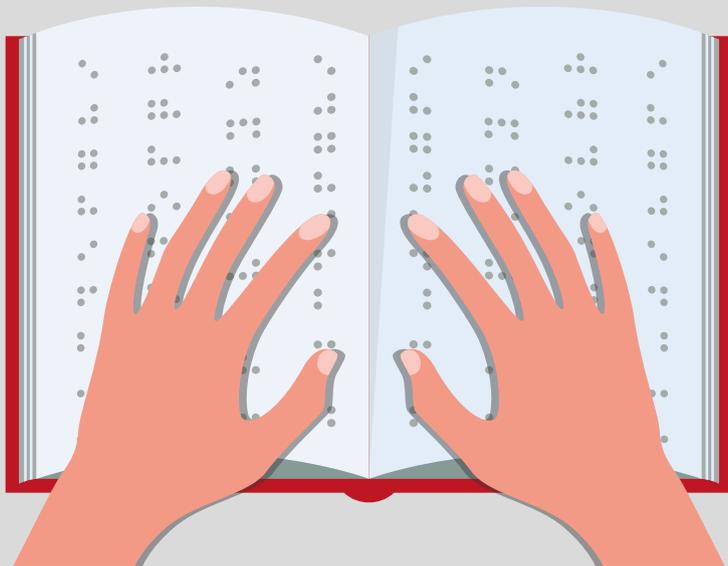
Em síntese, saí dessa formação saudosa por ter convivido com um grupo cortês, inteligente, comprometido, eficiente e acolhedor. Senti-me parte desse povo e irei levá-los, guardados dentro do meu peito, como uma experiência incomparável a todas que já

vivi. Aprendi mais do que ensinei. Uma gente simples, humilde, decente, afetuosa, cuidadosa. São tantos adjetivos que me fizeram ficar fascinada pelos dois locais em que realizei as formações. Fizeram-me sentir o quanto sou importante e necessária nessa causa que é o autismo. Muita gratidão por tanto aprendizado recebido e compartilhado desse público do Maciço de Baturité.

Referências

OLIVEIRA, Amália Rebouças de Paiva. GONÇALVES, Adriana Garcia. BRACCIALI, Lígia Maria Presumido. **Desenho universal para aprendizagem e tecnologia assistiva: complementares ou excludentes?** Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/16066/11994> Acesso: 24 abr. 2023.

Organização Pan Americana da Saúde (OPAS). **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista> Acesso: 20 abr. 2023.



A EDUCAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: RELATO DE EXPERIÊNCIAS VIVENCIADAS JUNTO AO PROJETO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR DA UNILAB

Andréia Barros¹

Introdução

Uma das grandes alegrias como professora é encontrar espaço para compartilhar conhecimentos e experiências que versam sobre a Deficiência Visual. Nesse sentido, partici-

¹ Graduada em Pedagogia. Possui Especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA), Psicopedagoga, Educação Infantil, Deficiência Visual, Surdocegueira, Atendimento Educacional Especializado. MBA em Docência do Ensino Superior. E-mail: andreiabarrodes75@gmail.com

par do Projeto² Clube da Inclusão Escolar – *Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*, me encheu de entusiasmo pela oportunidade de difundir questões acerca do processo de inclusão de pessoas cegas ou com baixa visão na escola, bem como na sociedade. Dessa forma fui convidada pela professora Geranilde Costa e Silva, coordenadora do mesmo para ministrar o Módulo V- Etapa I- Educação de Pessoas Cegas. Este projeto possibilitou-me apresentar as teorias e práticas que possibilitam uma aprendizagem respeitosa e significativa a docentes, que na condição de cursistas poderão viver com a dificuldade de ter ou conviver com a deficiência visual.

A deficiência visual é uma limitação que acomete um grande número de pessoas, sejam elas com baixa visão ou cegueira ou até mesmo pessoas próximas à cegueira, assim

É a alteração da capacidade funcional da visão, decorrente de inúmeros fatores isolados ou associados, tais como: baixa acuidade visual significativa, redução importante do campo visual, alterações corticais e/ou de sensibilidade aos contrastes, que interferem ou que limitam o desempenho visual do indivíduo. A perda da função visual pode se dar em nível severo, moderado ou leve, podendo ser influenciada também por fatores ambientais inadequados. (BRASIL, 2006, p. 16)

Já a Cegueira é definida quando

[...] a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória

² Projeto de Extensão da UNILAB, em fluxo contínuo, com financiamento da Confederação Nacional de Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais – CONAFER.

da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60°; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores (BRASIL, 2004, p. 14).

Ainda no século XXI, a baixa visão e a cegueira vêm deixando marcas para as pessoas com deficiência e seus familiares por parte do acesso ainda desconhecido pelos agentes que deveriam promover uma educação de qualidade, mas que infelizmente desconhecem gerando prejuízos na aprendizagem.

Acredito no potencial, competência e habilidades de pessoas com deficiência visual, mas que devido às limitações, seja por falta de acessibilidade e oportunidade de conhecê-los, não conseguem lograr êxito.

Alguns conceitos e orientações apresentados à turma

A Baixa Visão caracteriza-se pelo comprometimento do funcionamento visual dos olhos, mesmo após tratamento ou correção óptica.

Segue abaixo algumas adequações e recursos importantes para a sala de aula, apresentadas por Hsu Yun Min (2018) no livro Baixa visão: conhecendo mais para ajudar melhor, que são:

O que é importante para que use melhor a visão?

- No dia a dia, deve-se insistir para que use mais a visão, explorando detalhes, trocando ideias com as pessoas mais próximas sobre o que vê.
- Pode-se fazer um guia de leitura com papel escuro e sem brilho, para ajudar na leitura, evitando que pule linha.
- Utilizar um plano inclinado que ajuda a melhorar a postura. Com o livro e as folhas avulsas bem apoiados, a criança não perde facilmente partes do texto de leitura.
- Acostumar sempre a olhar, seguindo a mesma direção. Na leitura, localizar primeiro o início da folha, e ler da margem da esquerda para a direita. Da mesma forma, para contar quantas figuras estão no desenho,

deslocar o olhar sempre da esquerda para a direita e de cima para baixo, evitando se perder na contagem. (MIN, 2018, p.16)

Logo abaixo segue algumas orientações para adequação e recursos pedagógicos para a sala de aula para uso com estudantes que possuem baixa visão.

1 – Iluminação adequada

2 – Plano Inclinado

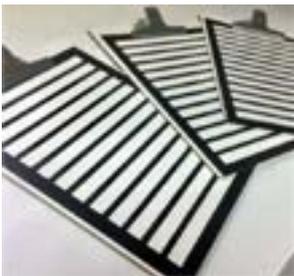
Imagem 1 – Plano Inclinado



Fonte: <https://shoppingdobraille.com.br/produtos/reglete-positiva-de-bolso-com-puncao-24-celas/>

3 – Papel com pautas ampliadas

Imagem 2 – Papel com pautas ampliadas



Fonte: <https://shoppingdobraille.com.br/produtos/reglete-positiva-de-bolso-com-puncao-24-celas/>

4 – Lupas

5 – Canetas de ponta grossa porosa ou lápis 6b

A Cegueira é a perda total da visão até a ausência de projeção de luz ou pouquíssima capacidade de enxergar.

Segue abaixo alguns recursos importantes a serem utilizados com pessoas cegas:

1 – Máquinas Braille

Imagem 1 – Máquina Braille



Fonte: <https://tecnologiaassistiva.civiam.com.br/produto/maquina-de-escrever-braille-perkins-brailer/>

2 – Reglete com punção

Imagem 2 – Reglete com punção



Fonte: <https://www.shoptime.com.br/busca/reglete>

Das técnicas de orientação e mobilidade

O Manual das habilidades básicas de Orientação e Mobilidade Caminhando Juntos (LARAMARA, 2001) traz referências e práticas que são importantes e necessárias para autonomia da pessoa com deficiência visual. Assim também como orientações a familiares e amigos que estão próximos a essas pessoas, que nos referenciamos às orientações de guia vidente. Para assim, de forma segura e tranquila a pessoa com deficiência visual possa e vir, circular, e permanecer em ambientes desejados.

- Bengala longa
- Caminhar a um local desejado;
- Mudar de direção
- Trocar de lado
- Passar por lugares estreitos
- Aceitar e recusar ajuda
- Subir e descer escadas
- Passando adequadamente por portas, abrindo-as e fechando-as;
- Sentar-se
- Alinhar-se à mesa para refeições ou trabalho;
- Saber utilizar objetos para uma conduta social (copos, pratos, talheres)

A importância da avaliação de uma equipe multidisciplinar

O acesso do aluno à escola não deve ser assegurado somente em função do laudo clínico, uma escola existe para o ensino de qualidade de forma significativa e com isso a busca pelo conhecimento de causa e funcionalidade, possibilidades de aprendizagem se faz necessário e podemos dizer que se torna respeitosa quando o aluno tem um laudo que possa nortear o planejamento para uma mediação digna para ambas as partes professor e aluno.

Aspectos importantes que facilitam essa avaliação

- a) Utilizar recursos lúdicos como ferramenta auxiliar no processo avaliativo;
- b) Evitar excesso de estímulos no local da avaliação;
- b) Usar perguntas claras e de forma natural em relação a temas específicos (relação familiar, conflitos, violência)
- c) Observação sobre a queixa de encaminhamento e confirmação ou não desta; para assim ser pontuado por profissional específico, de acordo com a queixa, evitando ações desnecessárias;
- d) Respeitar o tempo de tolerância da criança frente às atividades propostas;
- e) Não influenciar em nenhum momento as respostas dadas pelo aluno.

Contribuições necessárias para construção da autonomia da pessoa com deficiência Visual

a) **AVD** – Atividades da Vida Diária (Terapeuta Educacional)
Referência utilizada somente por terapeutas ocupacionais.

b) **PEVI** – Práticas Educativas para uma Vida Independente e **AVA** – Atividade de Vida Autônoma. São formas praticadas por professores e educadores que com muita importância fazendo uso do currículo funcional natural contribuem com a maturação e autonomia dos discentes, importante destacar que “As Atividades de Vida Autônoma não são mero treino de habilidades, mas a forma essencial para o sujeito ser reconhecido como pertencente ao seu grupo social”. (SIERRA, 2009, p. 19)

Recurso de Autodescrição – transformando imagens em palavras

É um instrumento prático facilitador que gera oportunidade de equidade de acesso à informação e conhecimento em

situações cotidianas da pessoa com deficiência visual. De modo que permite gerar informações do meio para que a pessoa compreenda e se organize criando suas referências para facilitar a internalização das informações do ambiente agregando assim conhecimento, tranquilidade de forma simples sem depender de muitos recursos e sim de uma descrição breve, clara e precisa.

Elaboração do plano de atendimento Individual na SALA de AEE

PDI – Plano de Desenvolvimento Individual é uma ferramenta necessária para nortear o professor no processo de encorajar e eliminar barreiras possíveis que o educando possa encontrar pela falta de conhecimento e acessibilidade no processo de aprendizagem. Tem o objetivo de facilitar o planejamento dos professores para atuarem no Atendimento Educacional Especializado (AEE) visando prepará-los para identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as dificuldades para a plena participação dos alunos na escola e fora dela.

Orientações para elaboração do Plano de Educacional Individualizado (PEI) é uma grande ferramenta para o docente preparar aulas significativas com base na necessidade individual do aluno, gerando possibilidades de forma prévia planejar estratégias e recursos oportunos para facilitar o processo de aprendizagem.

Além de poder aproximar a apresentação dos componentes curriculares de uma forma acessível se faz necessário fazer adequações básicas no ambiente sala de aula que facilitam ainda mais a aprendizagem. Com base no conhecimento da história e diagnóstico do aluno.

Algumas Recomendações educacionais

Deve-se usar iluminação direcionada ao texto, prancha de plano inclinado para leitura, textos ampliados e em alto contraste (possivelmente em negrito ou caixa alta).

Devem ser usadas: lentes escuras, iluminação indireta sobre o livro e caderno, ampliações de textos, contraste (mapas, desenhos, tabelas). Se a cópia da lousa for dificultada pela diminuição da acuidade visual, o professor poderá dar o texto a ser copiado da lousa em folha avulsa.

O oftalmologista pode indicar o uso de lentes; boa iluminação, prancha de plano inclinado. Quanto aos desenhos devem ter cores mais fortes e contornos mais definidos, reforçados com canetas de ponta grossa ou porosa. As pessoas que passaram por cirurgia passaram por cirurgias no olho com correção óptica e mesmo assim continuam precisando de adequações pedagógicas para o acesso à informação.

Exercícios de fixação, acomodação e seguimento; (em estimulação visual), e uso do contraste.

Recurso Ópticos

Lupa de Apoio, Teletlupa, Lupa de Apoio Iluminada

Recurso Não Ópticos

Recursos acessíveis, pauta ampliada, plano inclinado, lápis 6b, canetas, iluminação, contraste, miniaturas, áudio descrição.

A educação de pessoas com deficiência é necessária e fundamental para que o aluno com deficiência por se caracterizar como um período, rico em vivências prazerosas, eminentemente construtivas, garantidas por uma trajetória de gradativas conquistas, que são favorecidas por um contexto educacional estimulante e desafiador.

Com isso essa aprendizagem torna-se significativa preparando para suas condições e adequações necessárias para os seus sistemas diferenciados de leitura e escrita.

A experiência vivida no projeto foi importante um momento de muita participação e interesse por parte dos docentes. Porém, com algumas dificuldades por tratar de recursos e infor-

mações importantes e de muita necessidade de adequações para um grupo numeroso e em um curto espaço de tempo para tantas informações. Contudo, tivemos oportunidade de fazer vivências fazendo uso de vendas com técnicas de orientação e mobilidade com um guia vidente (boa visão). Os relatos dos alunos após a vivência foram bastante significativos.

Imagem 03 – Uso de vendas na escada



Uso de vendas com técnicas de orientação e mobilidade. Fonte: Coordenação do Curso.

Imagem 04 – Uso de vendas no pátio



Uso de vendas com técnicas de orientação e mobilidade. Fonte: Coordenação do Curso..

Exploramos as técnicas de leitura e escrita Braille para pessoas cegas, fazendo o uso de regletes positivas e negativas. O que me deixou imensamente feliz com o entusiasmo e envolvimento do grupo quando em pouco tempo escreveram palavras altruístas e seus próprios nomes. Demonstrando que a leitura e escrita Braille é a prática de um código que gera acessibilidade às pessoas cegas e que facilmente podemos aprender e ensinar. Continuo pontuando a questão do tempo para que o grupo possa apropriar-se mais das adequações e modalidades para favorecer a aprendizagem da pessoa cega.

Foto da vivência (alunos usando as regletes e punções no acervo da equipe)

Foi oportuno conversarmos sobre prevenção a cegueira, orientações sobre os primeiros cuidados, como fazer acuidade visual na escola, formações.

As orientações dadas sobre o público com baixa visão na sala de aula foi de suma importância, pois é necessário que sejam feitas as adequações de sala de aula, com a disponibilização de recursos ópticos de modo a facilitar a aprendizagem dos estudantes

Finalizado dizendo que para otimizar e potencializar a permanência na escola da pessoa com deficiência visual se faz necessário projetos exitosos como o Clube da Inclusão da Escolar que permite propagar as possibilidades de aprendizagem dessas pessoas encorajando os educadores possam dignamente fazer uma educação de qualidade para todos.

Referências

BRASIL. DECRETO Nº 5.296 de 02 de dezembro de 2004. Diário Oficial da União, Brasília, 03 de dezembro de 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm

_____. **Saberes e práticas da inclusão** : desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais

de alunos cegos e de alunos com baixa visão. [2. ed.] / coordenação geral SEESP/MEC. – Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 208 p. (Série : Saberes e práticas da inclusão). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/alunoscegos.pdf>

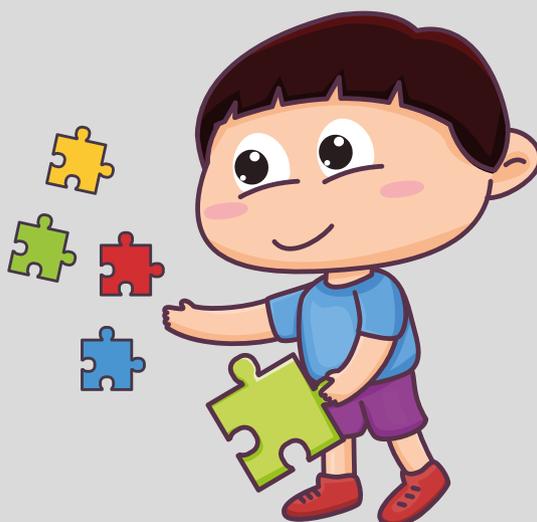
MIN, Hsu Yun. **Baixa visão**: conhecendo mais para ajudar melhor. Volume III / Marcos Wilson Sampaio, Maria Aparecida Onuki Haddad. Conselho Brasileiro de Oftalmologia : Laramara, 2018. São Paulo. (Série deficiência visual). Disponível em: http://visaosubnormal.org.br/downloads/serie_deficiencia_visual_vol3_cbo_bq.pdf

SIERRA, M.A.B. Contribuições de Vygotsky para a Educação Especial nas áreas da Surdez, Cegueira e Surdocegueira. Universidade Estadual de Maringá. Paraná – PR, 2009.

The background is a complex, abstract pattern in shades of light green and white. It features a variety of geometric and organic shapes, including triangles, circles, spirals, and irregular polygons. Some areas are filled with small dots, while others have concentric lines or a grid-like structure. The overall effect is a dense, textured, and somewhat chaotic composition.

Parte II





RELATO DE EXPERIÊNCIAS NO PROJETO DE EXTENSÃO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR: VIVENDO E APRENDENDO

Clara Maria Benevides Nascimento¹

Sou licencianda em Física pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Passei por uma seleção, para atuar como bolsista, junto ao projeto² Clube da Inclusão Escolar – *Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Projeto executado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Aratuba, Secretaria Municipal de Educação de Baturité e Secretaria de Educação do Governo do Estado do Cea-

¹ Bolsista do projeto Clube da Inclusão Escolar. Licencianda em Física pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). E-mail: claramaria.benevides@gmail.com

² Projeto de Extensão da UNILAB, em fluxo contínuo, com financiamento da Confederação Nacional de Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais – CONAFER.

rá, por meio da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento de Educação (CREDE) 8, que tem por objetivo:

Capacitar para o processo de educação especial na perspectiva da educação inclusiva com foco no ensino-aprendizagem:

- Docentes da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos em Aratuba – Ce.
- Docentes da Escola de Ensino Fundamental Osório Julião localizada na área de remanescente quilombola Serra do Evaristo, em Baturité CE.
- Docentes de escolas públicas de Aratuba.
- Docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) das Secretarias Municipais de Educação do Maciço do Baturité.

Contribuir para o processo de compreensão sobre a educação especial na perspectiva da educação inclusiva com foco no ensino-aprendizagem:

- Pais/mães e/ou responsáveis por estudantes da educação básica de que possuem Necessidades Educativas Especiais (NEE) da cidade Aratuba. (Projeto Clube da Inclusão Escolar, 2022, p. 5) (grifos nossos)

Muito se discute em mesas redondas, conferências, congressos e bibliografias pedagógicas sobre a temática da Educação Especial Inclusiva, esses espaços de fala são muito importantes para aprofundar esta discussão e buscar qualificar os docentes, gestores e a comunidade escolar para acolher o público de pessoas com deficiência da melhor maneira possível.

Partindo dessa premissa é que me interessei em atuar como bolsista do projeto Clube da Inclusão Escolar – **Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.**

Ser professor é estar em constante aperfeiçoamento, portanto, os momentos vivenciados na condição de bolsista junto ao citado projeto foram de muita importância para o meu aprendi-

zado na condição de licencianda do curso de Física. Isso porque a temática trazida por este projeto sempre despertou em mim curiosidade e atenção, pois compreendo que desde o início do trilhar formativo na educação básica e dentro do processo formativo docente devemos ter acesso a temática da Educação Especial Inclusiva.

Sendo esta temática indispensável para os professores, visto que estes profissionais precisam expressar sensibilidade e vontade de aperfeiçoamento, pois a escola não deve alcançar apenas a aprendizagem de conteúdo e o currículo formativo padrão, mas deve abranger todas as singularidades e especificidades presentes nos indivíduos.

O início deste leque de experiências culturais, docentes e formativas deu-se na cidade de Aratuba (CE), mais especificamente na escola indígena dos Kanindé, onde foi proporcionado aos participantes uma acolhida cultural, com um momento sagrado chamado Toré. Participar desta ocasião possibilitou uma imersão na cultura indígena, o que é um dos objetivos do projeto. Pisar no território indígena, vivenciar seus costumes, ouvir as cantigas, comer sua comida típica acresce significado e valor às práticas do projeto. Abaixo estão dois registros deste primeiro encontro.

Fotos da Abertura do projeto realizado na Escola Kanindé, em Aratuba.

Imagem 1 – Evento de Abertura



Fonte: Acervo do Projeto

Imagem 2 – Evento de Abertura



Fonte: Acervo do Projeto

Importante destacar que os módulos eram antecedidos por reunião de planejamento das bolsistas com a coordenação e vice coordenação do projeto. Momento em que realizávamos estudos, planejamentos das aulas presencias e on-line, escritas de trabalhos para apresentação em eventos, conversas sobre a logística dos próximos módulos bem como a preparação dos textos e equipamentos a serem utilizados.

A etapa 2 (dois) do Módulo 1 (um) ocorreu na Escola Osório Julião, situada na área quilombola da Serra do Evaristo, na cidade de Baturité. Nesta ocasião houve uma acolhida cultural, momentos de dinâmica e convivência, imersão no conteúdo programático do projeto e visita ao Museu Quilombola que existe na comunidade. Ter a oportunidade de vivenciar este projeto é perceber o quão rico é o Maciço de Baturité, com sua identidade, com seus povos tradicionais e sua história, foi muito importante para a minha formação como futuro professora. Por sua vez, colaborar para que docentes e gestores (re)conhecerem estes espaços e se apropriarem de suas raízes, é contribuir para que esses e essas possam pensar novas metodologias de ensino, de acolhimento, inclusão e receptividade da diversidade presente na Maciço do Baturité.

Durante os primeiros módulos do curso pude perceber que os docentes que não atuavam na escola indígena e quilombola

pouco sabiam sobre a presença de estudantes com deficiência, Necessidades Educativas Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em áreas quilombolas e indígenas do Maciço do Baturité bem como desconheciam termos e /ou nomenclaturas do campo da Educação Especial Inclusiva. Assim, ser bolsista do Clube da Inclusão Escolar me permitiu perceber a necessidade e importância da realização desse tipo de projeto voltado à formação docente sobre a Educação Especial Inclusiva.

No que se refere às contribuições das bolsistas estas foram desde o apoio na preparação dos equipamentos e recursos audiovisuais e didáticos, auxílio dentro de sala de aula para potencializar a qualidade da formação dos professores em inclusão, dentre outras ações.

Dessa forma, ser bolsista deste projeto de extensão é colecionar vivências ricas em aprendizados e poder compartilhar reflexões acerca da Educação Especial Inclusiva. Segue abaixo foto de Módulo II, que tratou sobre Legislações/convenções internacionais, nacionais e do Estado do Ceará no Campo da educação especial inclusiva.

Foto do momento formativo Módulo II.

Imagem 3 – Momento de atividade



Fonte: Acervo do Projeto

Finalizo agradecendo à Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos em Aratuba, em (CE) e à Escola de Ensino Fundamental

Osório Julião localizada na área de remanescente quilombola Serra do Evaristo em Baturité (CE), pela acolhida e parceria.

Referências

SILVA, Geranilde Costa e. **UNILAB/ PROJETO – CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR** – Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2022-2023).



RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROJETO DE EXTENSÃO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR: CONTRIBUIÇÕES PARA MINHA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Ana Ingrid Paixão da Silva¹

Justificativa

Curso o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Meu interesse em participar como voluntária do projeto² Clube da Inclusão Escolar – *Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*, se deve ao fato de estar desen-

¹ Estudando do curso Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB). E-mail: anaingridpaixaodasilva@gmail.com

² Projeto de Extensão da UNILAB, em fluxo contínuo, com financiamento da Confederação Nacional de Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais – CONAFER.

volvendo um Trabalho de Conclusão de Curso sobre a Educação Especial Inclusiva em Redenção (CE). Projeto executado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Aratuba, Secretaria Municipal de Educação de Baturité e Secretaria de Educação do Governo do Estado do Ceará, por meio da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento de Educação (CREDE) 8, que tem por objetivo:

Capacitar para o processo de educação especial na perspectiva da educação inclusiva com foco no ensino-aprendizagem:

- Docentes da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos em Aratuba – CE.
- Docentes da Escola de Ensino Fundamental Osório Julião localizada na área de remanescente quilombola Serra do Evaristo, em Baturité CE.
- Docentes de escolas públicas de Aratuba.
- Docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) das Secretarias Municipais de Educação do Município do Baturité.

Contribuir para o processo de compreensão sobre a educação especial na perspectiva da educação inclusiva com foco no ensino-aprendizagem:

- Pais/mães e/ou responsáveis por estudantes da educação básica de que possuem Necessidades Educativas Especiais (NEE) da cidade Aratuba. (Projeto Clube da Inclusão Escolar, 2022, p. 5) (grifos nossos)

Me inscrevi para ser voluntária deste projeto não só pelo meu currículo acadêmico, mas pelo desejo de crescer profissionalmente. A temática da Educação Especial Inclusiva em escolas indígenas e quilombolas foi um ponto essencial, pois é importante para as minhas vivências na universidade o contato com o seu entorno, pois a minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trata da criação Núcleo de Atendimento Psicossocial e Educacional (NAPE) de Redenção (CE). Núcleo que atende crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) bem como possuem Necessidades Educativas Especiais (NEE).

O projeto Clube da Inclusão Escolar, foi uma porta aberta para um mundo de conhecimentos que vão além de teorias, é uma extensão de tudo que estudamos, uma ferramenta de aprendizado que são necessários na vida de um profissional da educação. Foi visando adquirir esses conhecimentos, que eu busquei fazer parte e me juntar à equipe de bolsistas, com interesse em contribuir com esse projeto, que tanto agrega na universidade e na educação como um todo, aprendendo novas práticas de educação inclusiva, que vai me auxiliar futuramente quando estiver em sala de aula atuando como professora.

Dificuldades

Dentro dos módulos do projeto Clube da Inclusão Escolar, encontrei poucas dificuldades, pois todos os participantes do projeto e nós como bolsistas fomos orientadas pela Professora Geranilde que conduziu toda a equipe com as instruções necessárias para a realização de todas as atividades do projeto. Como toda ação possui seus desafios, fui aprendendo aos poucos a lidar com os professores que estavam participando, melhorando minha oralidade que até então foi uma dificuldade que encontrei, para que pudesse me comunicar com todos e executar os trabalhos designados a mim.

Produzi em conjunto com as bolsistas um vídeo falando sobre o projeto Clube da Inclusão Escolar para a VIII Semana Universitária da UNILAB, que foi uma dificuldade vencida, pois para entregar o material precisei enfrentar a timidez, utilizar dos recursos que tinha, aprender a me conectar com quem iria avaliar através de uma tela e utilizar os aprendizados adquiridos sobre a temática até aquele momento. Para realizar esse conteúdo, foi necessário entender um pouco sobre tecnologia, pois o vídeo tinha que possuir qualidade e para isso foram necessárias edições, deixando prazeroso para quem iria assistir. É importante ressaltar também os desafios do trabalho em equipe, que apesar da boa interação e da importância das vivências, nem sempre é uma tarefa fácil conviver com as diversas formas de pensar e trabalhar,

mas acredito que as barreiras foram superadas e hoje posso dizer que criamos laços além do projeto de extensão.

Aprendizados

Aprender sobre a temática da Educação Especial Inclusiva nas áreas indígenas e quilombolas, é de grande importância para o currículo de qualquer profissional da educação, uma vez que a inclusão precisa estar presente em todos os contextos sociais e principalmente nas escolas. Isso porque a Resolução Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001, no Art. 2, afirma que:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (MEC, 2001)

Compreender os projetos de lei, como eles funcionam e qual o dever da instituição de ensino é crucial na formação de qualquer estudante da graduação. No projeto Clube da Inclusão Escolar foi possível adquirir conhecimento a respeito dos deveres da escola e do professor para com a criança que possui Necessidades Educativas Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), além de entender um pouco como pode ser realizada a inclusão na sala de aula, sem deixar de respeitar os limites do aluno com deficiência.

Tendo aprendido os deveres básicos da Educação Especial Inclusiva no Brasil, é necessário destacar como ele funciona nas escolas indígenas e quilombolas do Maciço de Baturité, que possuem currículo diferenciado, seguindo as diretrizes curriculares destinadas à essas comunidades, mas que também buscam realizar a inclusão de alunos portadores de Necessidades Educativas Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) a partir das leis que hoje asseguram o direito dessas pessoas.

Nas formações do projeto Clube da Inclusão Escolar foi possível entender sobre Necessidades Educativas Especiais (NEE),

Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), Educação de Pessoas Cegas, Educação de Pessoas Surdas e outras temáticas. Sendo essa uma necessidade pois os professores devemos contribuir para realizar a inclusão, desde as atividades do dia-a-dia, até conseguir manter a parceria com a família, criando laços com as crianças que precisam sentir a escola como um ambiente acolhedor.

Contribuições

No que diz respeito às obrigações como bolsista, creio que cumpri meu papel e contribuí com o que estava ao meu alcance, estando presente em todos os encontros e reuniões, prestando serviço às necessidades do projeto quando necessário, auxiliando as formadoras nos encontros presenciais e cumprindo o que era proposto pelas normas do projeto de extensão. Assim, fazendo com que fosse levado cada vez mais conhecimentos para os professores das escolas do Maciço de Baturité, que estão na busca de um ensino de qualidade e inclusivo.

Finalizo agradecendo à Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos em Aratuba, em (CE) e à Escola de Ensino Fundamental Osório Julião localizada na área de remanescente quilombola Serra do Evaristo em Baturité (Ce), pela acolhida e parceria.

Referências

MEC, 2001. LEGISLAÇÃO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL- **RESOLUÇÃO Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001**– CEB/CNE – Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.

SILVA, Geranilde Costa e. UNILAB/ PROJETO – CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR – Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2022-2023).



RELATOS DE PARTICIPAÇÃO JUNTO AO PROJETO DE EXTENSÃO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR, DA UNILAB

Larice Xavier da Silva¹

Justificativa para participar do projeto

Sou licencianda em Pedagogia e passei por uma seleção para atuar como bolsista junto ao projeto² Clube da Inclusão Escolar – *Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Projeto executado em parceria com a Secretaria Municipal de Aratuba, Secretaria Municipal de Baturité e Secretaria de Educação do Go-

¹ Bolsista do projeto, Licencianda em Pedagogia, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Email: larycecastro@gmail.com

² Projeto de Extensão da UNILAB, em fluxo contínuo, com financiamento da Confederação Nacional de Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais – CONAFER.

verno do Estado do Ceará, por meio da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento de Educação (CREDE) nº8, que tem por objetivo:

Capacitar para o processo de educação especial na perspectiva da educação inclusiva com foco no ensino-aprendizagem:

- Docentes da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos em Aratuba – Ce.
- Docentes da Escola de Ensino Fundamental Osório Julião localizada na área de remanescente quilombola Serra do Evaristo, em Baturité CE.
- Docentes de escolas públicas de Aratuba.
- Docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) das Secretarias Municipais de Educação do Maciço do Baturité.

Contribuir para o processo de compreensão sobre a educação especial na perspectiva da educação inclusiva com foco no ensino-aprendizagem:

- Pais/mães e/ou responsáveis por estudantes da educação básica de que possuem Necessidades Educativas Especiais (NEE) da cidade Aratuba. (Projeto Clube da Inclusão Escolar, 2022, p. 5) (grifos nossos)

Este projeto traz uma proposta de aprimorar a formação docente na perspectiva de oferecer mais suportes para atender os alunos que possuem Necessidades Educativas Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), percebendo assim que cada um possui subjetividade diferente. Projeto que dá ênfase para os/as docentes de escolas indígenas e quilombolas do Maciço do Baturité (CE), para que possam aprimorar seus conhecimentos, através de uma troca de experiências junto à proposta do projeto, para atuarem de forma a atender as especificidades junto aos/às estudantes com indígenas e quilombolas com Necessidades Educativas Especiais (NEE) e com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)

Considerando tal contexto, minha justificativa de interesse em participar do mesmo se deu porque pretendo desenvolver

meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre a educação especial inclusiva. Creio também que esta área de estudo possui grandes possibilidades de atuação para o pedagogo e daí pretendo me especializar na mesma. Como futura docente vejo na educação especial inclusiva uma das formas mais lindas de cuidar do outro, pois acredito em uma educação que tenha como base o afeto pelo outro. Através desse projeto entender o que de fato é a educação especial inclusiva, e como os docentes vêm isso dentro de sala e no âmbito escolar e quais as estratégias usadas pelos mesmos para lidar com essa questão.

Dificuldades

A maior dificuldade enfrentada foi a locomoção para as localidades onde o projeto realizou os encontros, pois o percurso até chegar ao local não era muito favorável para o trânsito de carros, por se tratar de localidades distantes, e o não conhecimento do trajeto até chegar lá.

Uma outra dificuldade foi falar de inclusão escolar de estudante com NEE e/ou TEA pois observei que alguns docentes carregavam em seus discursos o medo de não conseguir dá o suporte necessário para tais alunos. Percebi também em suas falas (docentes) que por muita das vezes o professor entra na sala de aula sem o material pedagógico adequado para atender aquele aluno com NEE e/ou TEA, o que pode reforçar a exclusão.

Destaco ainda o cansaço físico, pois os docentes por vezes relataram que passavam a semana lecionando dentro de sala e logo mais no sábado tinham o encontro do projeto, por este motivo alguns faltavam. No entanto, acredito que tanto para nós bolsistas do projeto, como para os docentes, também foi uma experiência nova, onde tivemos que sair da nossa zona de conforto, para experienciar novas trocas de conhecimento.

Aprendizados

Durante o percurso deste projeto de extensão acredito que o maior aprendizado para mim, foi me colocar no lugar do outro, pois não podemos limitar o aluno, mas também devemos trabalhar com aquele aluno dentro de suas limitações. Lembro de uma atividade em que uma das formadoras solicitou que os docentes buscassem se colocar no lugar do estudante, e em seguida aumentou o tom de voz dizendo que o grupo não conseguia realizar a atividade solicitada. E foi possível perceber o descontentamento dos docentes, e daí a formadora explicou que era assim que os estudantes com NEE e TEA se sentiam, ou seja, assustados e pressionados com o modo de falar e agir do docente.

Quando se trata de educação especial inclusiva o contexto muda ainda mais, por entender que essas crianças possuem necessidades especiais, deve-se trabalhar dentro de suas limitações, de forma a ajudar aquele aluno, para que ele obtenha êxito no seu aprendizado.

O projeto me possibilitou conhecer lugares novos, pois não sabia que no Maciço de Baturité, existia povos indígenas. Foi tão rica essa experiência, o contato com essas pessoas, a forma calorosa e acolhedora como fomos recepcionados, de modo a compartilhando conosco um pouco de sua cultura, assim, foi algo muito enriquecedor. Logo abaixo irei compartilhar com algumas fotos desses momentos.

Fotos de Abertura do projeto realizada na escola Kanindé em Aratuba- CE.

Imagem 1 – Vice coordenador do Projeto e as bolsistas – na abertura do Projeto na escola Indígena em Aratuba-CE



Fonte: Acervo do Projeto

Abertura do Projeto

Imagem 2 – Abertura do projeto



Profa. Evania Silva, diretora da escola Aratuba (CE) Indígena em Aratuba-CE na abertura do projeto.

Fonte: Acervo do projeto.



Imagem 3 – Abertura do projeto/Ritual do Toré



Fonte: Acervo do projeto.

Módulo IV

Imagem 4 – Coordenadora e vice coordenador do projeto, as bolsistas e Profa. Juliana Melo na escola Osório Julião (Módulo IV)



Fonte: Acervo do Projeto

Docentes no processo formativo

Imagem 5 – Docente realizando uma atividade do projeto na escola Osório Julião (Barurité-CE)



Fonte: Acervo do Projeto

Conclusões

Participar deste projeto me possibilitou enquanto futura docente a oportunidade de vivenciar uma verdadeira troca de experiências entre as/os docentes que já atuam dentro de sala de aula, e suas dúvidas quando a pauta é a “INCLUSÃO”, e assim buscar estratégias para entrar nesse embate. Participar do projeto Clube da Inclusão Escolar foi sem sombra de dúvidas, uma grande riqueza de conhecimentos, onde pude por meio do mesmo, pensar minhas práticas pedagógicas.

Portanto, vale ressaltar que, ser bolsista deste projeto foi algo inovador, de grande relevância, onde também pude perceber que educação não deve ser pensada como algo ‘engessado’, mas deve ser pensado como um leque de oportunidades, onde o docente pode usar diversas estratégias de ensino, para que o aluno aprenda, e se desenvolva no decorrer de sua vida escolar.

Referências

SILVA, Geranilde Costa e. UNILAB/ PROJETO – CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR – *Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2022-2023).*



RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PROJETO DE EXTENSÃO CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR: PERCEPÇÕES SOBRE O SER PROFESSOR

Maria Eduarda Távora de Albuquerque¹

O presente texto trata-se de um relato de experiência vivenciado por mim na condição de bolsista do projeto de extensão² da Clube da Inclusão Escolar – *Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva*. Projeto executado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Aratuba, Secretaria Municipal de Educação de Baturité e Secretaria de Educação do Governo do Estado do Ceará, por meio da Coordenadoria Regional de Desenvolvimento de Educação (CREDE) 8, que tem por objetivo:

¹ Graduanda em Letras – Língua Portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

E-mail: mariaeduardatavoraa@gmail.com.

² Projeto de Extensão da UNILAB, em fluxo contínuo, com financiamento da Confederação Nacional de Agricultores Familiares e Empreendedores Familiares Rurais – CONAFER.

Capacitar para o processo de educação especial na perspectiva da educação inclusiva com foco no ensino-aprendizagem:

- Docentes da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos em Aratuba – Ce.
- Docentes da Escola de Ensino Fundamental Osório Julião localizada na área de remanescente quilombola Serra do Evaristo, em Baturité CE.
- Docentes de escolas públicas de Aratuba.
- Docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) das Secretarias Municipais de Educação do Maciço do Baturité.

Contribuir para o processo de compreensão sobre a educação especial na perspectiva da educação inclusiva com foco no ensino-aprendizagem:

- Pais/mães e/ou responsáveis por estudantes da educação básica de que possuem Necessidades Educativas Especiais (NEE) da cidade Aratuba. (Projeto Clube da Inclusão Escolar, 2022, p. 5) (grifos nossos)

Tenho 19 anos, sou brasileira e natural da cidade de Capistrano, um dos 13 municípios do Maciço de Baturité (CE). Sou estudante da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), e atualmente, estou cursando o 6º semestre de licenciatura em Letras – Língua Portuguesa.

Conforme é colocado pelo Plano Nacional de Extensão (BRASIL, 2007), a extensão universitária dispõe da incumbência entre o ensino superior e a sua contribuição na relação de ensino-pesquisa com as esferas sociais. Tendo em vista esses aspectos, pode-se afirmar que, as ações de extensão oportunizam a troca de conhecimentos e vivências entre os grupos, implicando numa renovação na educação.

O Projeto de Extensão Clube da Inclusão Escolar, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), surgiu com intuito de complementar a formação dos professores da educação básica, para a inclusão dos alunos com

deficiência nas escolas de contexto indígenas e quilombolas, por meio de capacitações.

De acordo com a Lei n° 13.146, de 2015, é instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, lei que visa “assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoas com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania”. (BRASIL, 2015)

Portanto, é necessário que as escolas ofereçam aos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), recursos que possibilitem a permanência destes dentro desse espaço. Além de uma estrutura condizente às necessidades dos alunos e materiais de apoio, é de suma importância o apoio pedagógico para com os profissionais que atuam com os alunos neste processo de aprendizagem.

Aos professores faz-se necessário estudos de preparação e adaptação sobre os alunos no âmbito escolar, além de conhecimentos acerca dos recursos e serviços de Tecnologia Assistiva, para que os discentes sejam incluídos no processo de aprendizagem na escola, estabelecendo assim uma acessibilidade na educação dos alunos que necessitem.

Embora seja encargo das escolas a preparação dos docentes e tudo aquilo que é necessário para receber e adaptar os alunos com deficiência, na realidade isso não é efetuado. Considerando o contexto em que o projeto foi inserido, o Maciço de Baturité (CE), pode-se reafirmar que se trata, ainda, de uma região pouco preparada para inclusão de alunos com NEE e/ou TEA no âmbito escolar.

A educação especial inclusiva ainda não acontece como previsto na legislação, pois em muitos casos ainda é necessário a adaptação da estrutura dos edifícios, mas também as formações continuadas ainda ocorrem de forma precária ou mesmo inexistem no que diz respeito à capacitação dos professores.

Além disso, outro ponto é a escassez de recursos, para a criação do serviço de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e

também a disposição de outros profissionais como fonoaudiólogos, psicólogos, entre outros. Poucas ou nenhuma, a depender do município, fornece esses meios, dificultando ainda mais o acesso de ensino regular para pessoas com deficiência.

Por ser pertencente a este território observo de forma explícita essas falhas na Educação Especial Inclusiva. Tendo em vista, que estou em uma licenciatura, acredito que possa enfrentar desafios condizentes à esta realidade, no que diz respeito a esta área

Portanto, a possibilidade existente de contribuir de forma significativa no meu espaço, a partir deste projeto e dos conhecimentos que nele seriam obtidos, instigou-me a participação. Considerando que futuramente posso colaborar com a real inclusão dos alunos, modificando o atual panorama escolar e oportunizando às pessoas com deficiência de estarem na sala de aula construindo conhecimento e relações.

Ademais, pressuponho que a Educação Especial Inclusiva, para além de possibilitar uma adequação do ensino, perpétua nos alunos concepções diferentes de mundo, valorizando e respeitando as diversidades e diferenças. Assim como SASSAKI (2010, p.172) afirma:

Uma sociedade inclusiva vai bem além de garantir apenas espaços adequados para todos. Ela fortalece as atitudes de aceitação das diferenças individuais e de valorização da diversidade humana e enfatiza a importância do pertencer, da convivência, da cooperação e da contribuição que todas as pessoas podem dar para construir vidas comunitárias mais justas, mais saudáveis e mais satisfatórias” (apud SILVA, 2016, p.12).

O Projeto Clube da Inclusão Escolar além de estar sendo efetuado na região do Maciço do Baturité, suas formações presenciais acontecem em territórios indígenas e quilombolas. Sendo os espaços concedido para a estrutura do projeto, a Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos em Aratuba (CE) e, a Escola de Ensino Fundamental Osório Julião na Serra do Evaristo em Baturité (CE).

Sendo essa uma particularidade potencializadora do programa, a formação continuada dos professores de ambos territórios, tendo em vista que estão trabalhando as questões da Educação Especial Inclusiva dentro das diversidades culturais. Essa é uma experiência singular também, para aqueles que estão no processo de formação docente, considerando que, a partir dessas vivências, pode ser observado diversos contextos de ensino, assim como conceber a importância de uma educação de relações étnico-raciais.

Durante alguns encontros foram realizadas apresentações culturais de grupos dessas localidades, proporcionando uma maior interação e acolhimento para o início dos módulos. Além de transmitir sentimento de receptividade, essas expressões e até mesmo rituais, trouxeram aos participantes sabedoria, aproximação e admiração a cultura destes povos. Segue abaixo alguns dos registros desses momentos culturais. Fotos feitas, respectivamente, na escola Kanindé (Aratuba) e escola Quilombola (Serra do Evaristo, Baturité)

Imagens do projeto

Imagem 1 – Apresentação Cultural na Escola Kanindé de Aratuba



Fonte: Acervo do Projeto

Imagem 2 – Visita ao Museu Quilombola, Serra do Evaristo em Baturité (CE)



Fonte: Acervo do Projeto

Nos encontros presenciais, foram abordadas diversas temáticas a respeito da Educação Especial Inclusiva, tais como “As Legislações/ Convenções Internacionais, Nacionais e do Estado do Ceará no Campo da Educação Especial na Perspectiva Inclusiva”, “Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)” e “Educação de Pessoas Cegas”.

Essas aulas aconteceram por mediações de diversos profissionais, que possuem sagacidade no conteúdo exposto. E cada um deles possuiu um modo diferente de repassar esse conhecimento, o que para futuros e futuras professoras, o ato de observar essa forma de ensinar é uma aprendizagem grandiosa, para absorver positivamente e aplicar com aquilo que acreditamos.

Um ponto sucessivo a este, está relacionado a interação dos participantes nas mediações, que ocorreu de forma satisfatória. Isso é necessário, tendo em vista que, foge de uma aula expositiva, onde só terão ouvintes. E assim levou a se ter uma aula mais rica de conhecimento, devido às trocas e compartilhamentos de experiências dentro da sala de aula. Segue alguns registros dos momentos das formações presenciais:



Momentos formativos do Módulo II

Imagem 3 – Módulo II



Imagem 4 – Módulo II



Fonte: Acervo do Projeto.

Durante os momentos formativos os professores revelaram o desafio que é ofertar aos alunos a inclusão na escola. Muitos desses partilham suas experiências dentro da sala de aula com os alunos com deficiência, e as dificuldades em algumas situações, onde não sabem como agir.

Momento Formativo – Módulo III

Imagem 05 – Módulo III



Fonte: Acervo do Projeto

Portanto, podemos observar que, embora a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015) esteja em vigor por aproximadamente 8 (oito) anos e, garanta aos professores de ensino regular capacitação para um atendimento especializado, isso ainda não é vigente na realidade escolar.

Não existe uma preparação eficaz dos profissionais, pois não são disponibilizados a eles métodos de ensino que colaborem com seu trabalho e permita o ensino-aprendizagem de alunos com necessidades especiais. E isso atrasa ainda mais o objetivo da educação especial inclusiva, assim como Alonso (2013) afirma:

Para fazer a inclusão de verdade e garantir a aprendizagem de todos os alunos na escola regular é preciso fortalecer a formação dos professores e criar uma boa rede de apoio entre alunos, docentes, gestores escolares, famílias e profissionais de saúde que atendem as crianças com Necessidades Educacionais Especiais. (ALONSO, 2013, p. 1)

Findando esta ponderação, asseguro que todos aqueles que persistiram na caminhada junto ao Projeto Clube da Inclusão Escolar, conquistaram conhecimentos que serão bastante aplicados em sala de aula. E a nós, futuros professores da Educação Básica, fica a aprendizagem a partir de experiências daqueles que estão lutando por um direito tão importante, e além disso o anseio de no futuro fazer a diferença.

Finalizo agradecendo à Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos em Aratuba, em (Ce) e à Escola de Ensino Fundamental Osório Julião localizada na área de remanescente quilombola Serra do Evaristo em Baturité (Ce), pela acolhida e parceria.

Referências

ALONSO, D. **Os desafios da Educação inclusiva: foco nas redes de apoio**. Disponível em: www.revistaescola.abril.com.br. Acesso em: 20 mai. 2016.

BRASIL. **Lei N 13.146, de 6 de Julho de 2015, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Brasília, 2015.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras**. Universidade Federal de Minas Gerais – PRO-EX. COOPMED Editora 2007

SILVA, Geranilde Costa e. **UNILAB/ PROJETO – CLUBE DA INCLUSÃO ESCOLAR** – Formação de Docentes de Escolas Indígenas e Quilombolas da Educação Básica do Maciço do Baturité com vistas à Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2022-2023).

SILVA, Maria Isabel de Almeida e. **Dificuldade de incluir alunos com necessidades especiais em uma escola estadual do Maciço de Baturité**. Aracoiaba (CE), 2016.



The background features a complex, abstract pattern of green and white. The design is composed of various geometric and organic shapes, including triangles, circles, and irregular polygons, some filled with dots or lines. The overall effect is a dense, textured composition that resembles a stylized, abstract landscape or a collection of organic forms.

Parte III

Exposição Fotográfica





MÓDULO I: ETAPA 1 – ESCOLA INDÍGENA MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS, EM ARATUBA (CE)

Foto 1 – Mesa de Abertura



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 2 – Mesa de Abertura



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 3 – Mesa de Abertura



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 4 – Boas Vindas aos/as cursistas



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 5 – Acolhida Momento do Toré



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 6 – Mesa de Abertura



Fonte: Arquivo do Projeto

MÓDULO I: ETAPA 2 – ESCOLA OSÓRIO JULIÃO, EM BATURITÉ (CE)

Foto 1 – Finalização do dia



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 2 – Formação Docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 3 – Acolhida representante da CONAFER



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 4 – Fala do Reitor da Unilab



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 5 – Momento da abertura da formação



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 6 – Momento da abertura da formação



Fonte: Arquivo do Projeto



MÓDULO II – ESCOLA INDÍGENA MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS, EM ARATUBA (CE)

Foto 1 – Momento da abertura da formação



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 4 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 2 – Momento da abertura da formação



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 5 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 3 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 6 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

MÓDULO III – ESCOLA OSÓRIO JULIÃO, EM BATURITÉ (CE)

Foto 1 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 4 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 2 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 5 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 3 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 6 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto



MÓDULO IV – ESCOLA INDÍGENA MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS, EM ARATUBA (CE)

Foto 1 – Momento de formação docente **Foto 4** – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 2 – Finalização das Atividades



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 5 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 3 – Momento de formação docente **Foto 6** – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto



Fonte: Arquivo do Projeto

MÓDULO V: ETAPA I – ESCOLA OSÓRIO JULIÃO, EM BATURITÉ (CE)

Foto 1 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 3 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 2 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 4 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto



MÓDULO V ETAPA II – UNILAB, REDENÇÃO (CE)

Foto 1 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 4 – Grupo Parafuso de Teatro e nossa equipe



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 2 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 5 – Momento de formação docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 3 – Grupo Parafuso de Teatro



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 6 – Formadoras, Grupo Cultural Africano e a vice reitora



Fonte: Arquivo do Projeto

MÓDULO VI – UNILAB, REDENÇÃO (CE)

Foto 1 – Momento de abertura do evento



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 4 – Momento de Apresentação Cultural



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 2 – Momento de Formação Docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 5 – Momento de Formação Docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 3 – Momento de Formação Docente



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 6 – Momento de Apresentação Cultural



Fonte: Arquivo do Projeto



MÓDULO VII – UNILAB, REDENÇÃO (CE)

Foto 01 – Momento de agradecimento pela parceira



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 04 – Formadoras e a coordenação do projeto



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 02 – Grupo da Escola Indígena Manoel Francisco dos Santos



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 5 – Grupo da Escola Osório Julião



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 03 – Apresentação Cultural



Fonte: Arquivo do Projeto

Foto 6 – Grupo da SME de Baturité (CE)



Fonte: Arquivo do Projeto

LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015

Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)
A presidenta da República Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte lei:

LIVRO I - PARTE GERAL TÍTULO I - DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Capítulo I - Disposições Gerais

Art. 1º É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. Parágrafo único. Esta lei tem como base a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, ratificados pelo Congresso Nacional por meio do Decreto Legislativo nº 186, de 9 de julho de 2008, em conformidade com o procedimento previsto no § 3º do art. 5º da Constituição da República Federativa do Brasil, em vigor para o Brasil, no plano jurídico externo, desde 31 de agosto de 2008, e promulgados pelo Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, data de início de sua vigência no plano interno.

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

§ 1º A avaliação da deficiência, quando necessária, será biopsicossocial, realizada por equipe multiprofissional e interdisciplinar e considerará: I – os impedimentos nas funções e nas estruturas do corpo; II – os fatores socioambientais, psicológicos e pessoais; III – a limitação no desempenho de atividades; e IV – a restrição de participação.

§ 2º O Poder Executivo criará instrumentos para avaliação da deficiência.

(...)

Brasília, 6 de julho de 2015.

DILMA ROUSSEFF
Presidenta do Brasil

Parceiros

Crede 08 Baturité
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

Baturité

ARATUBA

Realização



9 788581 262581 >